

VILA CULTURAL

Edição 179 • Ano 15 • Seu Jeito de Ler • Março 2019



Aline Bei



Jarid Arraes



Lucrecia Zappi

AS ESCRITORAS EM CENA

O que pensam e escrevem algumas autoras que estão em evidência e plena atividade



Natalia Borges Polezzo



Ana Martins Marques



Carol Bensimon



Giovana Madalosso

LANÇAMENTO

Manuela D'Ávila autografa
Revolução Laura

AGENDA

Encontro Mal-estar na civilização
traz Monja Coen e Luciana Saddi

LEMBRANÇA

Elis Regina e a voz
que não cala nunca



Num mundo deturpado, beleza é poder

Transporte-se para um rico universo de fantasia, onde as pessoas nascem amaldiçoadas com a aparência cinzenta, e apenas uma Belle – garotas consideradas deusas por controlar a Beleza – pode ajudá-las a se tornarem bonitas.

Segredos sombrios e um romance misterioso te aguardam no primeiro volume da SAGA BELLES.

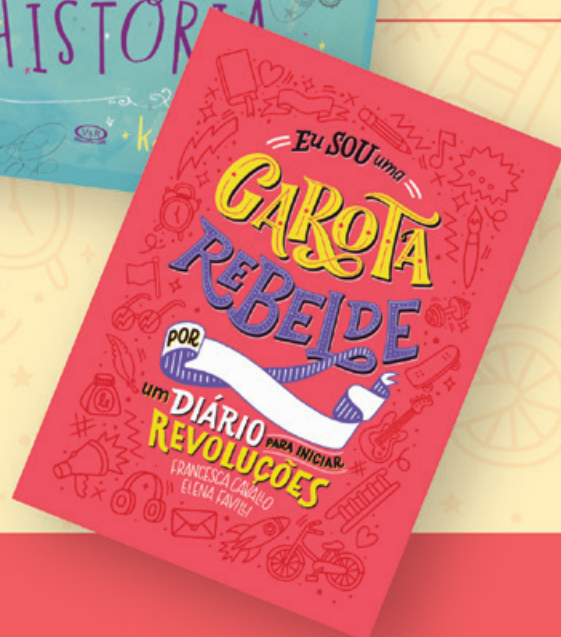
PLATA
FORMA 21

plataforma21_@
plataforma21.com.br

CELEBRE O MÊS DA MULHER

com os lançamentos
da **V&R Editoras**

*Planeje sua própria revolução
e se inspire nas histórias de
mulheres que arriscaram suas
vidas para alcançar seus sonhos*



V&R
EDITORAS

vreditorasbr
www.vreditoras.com.br

4editorial

Por Samuel Seibel

6entrevista

Pedro Bandeira fala sobre Monteiro Lobato



Foto Divulgação

10capa

A diversidade das vozes de autoras em plena evidência

VILA CULTURAL
Edição 179 • Ano 15 • Seu jeito de Ler • Março 2019

AS ESCRITORAS EM CENA
O que pensam e escrevem algumas autoras que estão em evidência e plena atividade

LANÇAMENTO
Manuela D'Ávila autografa *Revolução Laura*

AGENDA
Encontro para estar na civilização traz Monja Coen e Luciana Saldá

LEMBRANÇA
Do regime à revolução que não cala nunca

Fotos Divulgação

18arte

Tarsila do Amaral em livros

20lançamento

Manuela D'Ávila autografa *Revolução Laura*

22diálogo

Monja Coen no *Encontro Mal-estar na civilização*

26medicina

Gravidez depois dos 40 em livro

28data

14 de março, o Dia do Livreiro

30retrato

Saudades eternas de Elis Regina



32programação

Teatro, lançamentos e outras atrações da agenda de março

38nossas dicas

Sugestões para ver, ouvir e ler

NOSSAS LOJAS

FRADIQUE COUTINHO

R. Fradique Coutinho, 915
11 3814-5811

LORENA

Alameda Lorena, 1731
11 3062-1063

MOEMA

Av. Moema, 493
11 5052-3540

SHOPPING PÁTIO HIGIENÓPOLIS

Loja em reforma.
Previsão de reabertura: abril/19

SHOPPING JK IGUATEMI

Av. Juscelino Kubitschek, 2041
11 5180-4790

SHOPPING CIDADE JARDIM

Av. Magalhães de Castro, 12000
11 3755-5811

JARDIM PAMPLONA SHOPPING

Rua Pamplona, 1704
11 3051-5008

Curitiba PÁTIO BATEL

Av. do Batel, 1868
41 3778-7150

Guarulhos PARQUE SHOPPING MAIA

Av. Bartholomeu de Carlos, 230
11 3728-9110

Londrina AURORA SHOPPING

Av. Ayrton Senna da Silva, 400
43 3329-6776

www.livrariadavila.com.br

Trabalhe conosco:
rh@livrariadavila.com.br



A Revista *Vila Cultural* é uma publicação mensal da Livraria da Vila • Editor-chefe: Samuel Seibel seibel@livrariadavila.com.br • Editor: Flavio Seibel flavio@livrariadavila.com.br • Jornalista responsável: Sérgio Araújo MTB - 4422 • Publicidade: Marcos Cangiano marcos.cangiano@livrariadavila.com.br • Programação: Julio César Brugnari julio.cesar@livrariadavila.com.br • Estagiária de eventos: Julia Gomes • Revisão: Valéria Palma • Colaboraram: Charles Antunes Leite e Julia Gomes • Estagiária de criação: Marina Serpa • Capa & Diagramação: Jonas Ribeiro Alves jonas@livrariadavila.com.br

Muito a ser feito

Sobre reformas no País: pode-se questionar alguns pontos, divergir em relação a determinadas mudanças, ter opiniões contrárias, mas, no geral, a percepção é de que é mesmo necessário alterar certas regras.

Não importa de que lado do espectro político o cidadão se encontre – esquerda, centro ou direita, passando por todos os matizes partidários –, há uma compreensão, em maior ou menor grau, de que algo deve ser feito.

No primeiro mandato de Lula, a reforma previdenciária seria colocada para votação logo após a sua posse. Grupos próximos ao presidente, porém, o convenceram a aguardar momento mais propício. Foi deixada de lado.

Dito isso, a pergunta é: ok, haverá avanço na economia, o governo ficará mais fortalecido depois de tantos erros de início de mandato, mas, afinal, o que esperar para as áreas vitais na formação de um País e de seus habitantes?

Refiro-me principalmente aos setores de Educação, Saúde, Cultura e Meio Ambiente.

Se não podemos prescindir de um crescimento sustentável, que cria empregos e faz girar a roda da economia, beneficiando a todos, como ter deste mesmo governo a certeza de que trabalhará por um IDH honroso, uma educação, saúde e cultura de primeiro mundo, além de adotar políticas de meio ambiente que tenham o compromisso de preservar e não destruir?

Faltam praticamente quatro anos de gestão Bolsonaro. É tempo de sobra para o Jair provar, por atos e decisões, que pode fazer uma boa Presidência. Para os 200 milhões de brasileiros.

Ser otimista exige muita fé mesmo!

Boa leitura.
Abraços.

Samuel.

Um relato tocante escrito pelo pai de Malala Yousafzai
sobre a paternidade e a sua luta pela igualdade.

Prefácio de Malala Yousafzai

Livre para voar

*A jornada de
um pai e a luta
pela igualdade*

COMPANHIA DAS LETRAS

Ziauddin Yousafzai

com Louise Carpenter

Sobre ser livre

Convidado do *Navegar é Preciso*, Pedro Bandeira fala sobre a recriação que fez da obra de Monteiro Lobato

O vigor, a vitalidade e a inteligência do escritor Pedro Bandeira, que faz 77 anos no dia 9 de março, acolhem e contagiam. É impossível ficar indiferente quando, como um pesquisador da educação, ele argumenta sobre motivos que, historicamente, fazem do Brasil uma nação tão displicente – ou perversa, dependendo do ponto de vista – na formação de cidadãos que tenham minimamente o domínio do idioma, do raciocínio, da alfabetização. “Quando decidi que queria falar com crianças e jovens, eu fui estudar Educação. E aprendi, como sociólogo, político, antropólogo e como educador, que o problema do meu País, o meu problema como patriota, é que o Brasil tem uma história da Educação muito ruim. Enquanto alguns países como o Japão, na metade do século 19, fazem uma revolução educacional a ponto de não ter, já no início do século 20, nenhum analfabeto, nós sempre estivemos atrasados”.

A fala cativante e didática sobre um tom e vira indignação quando Bandeira se refere a uma entrevista recém-publicada do atual ministro da Educação, que acusa os cidadãos brasileiros de portarem-se como “canibais”, mas não faz qualquer referência a projetos, ideias ou ações concretas no sentido de reverter os índices cada vez mais alarmantes sobre a qualidade da educação no Brasil. O escritor sai em defesa dos professores, nossos verdadeiros heróis, segundo diz, e mantém seu compromisso com o

desejo de estimular o gosto pela leitura, pelo questionamento, pela desobediência, no melhor sentido.

O autor de *A droga da obediência*, leitura que marcou gerações, se empolga para falar da recriação recente que fez sobre a obra de Monteiro Lobato. Bandeira é tão fã que se autodenomina um “lobatista”. No livro, que terá as ilustrações de Renato Alarcão, Narizinho é, como nos originais de Lobato, uma menina cuja pele é cor de jambo. Não é um mero detalhe num momento em que há acaloradas discussões e controvérsias em torno do conteúdo associado ao racismo na obra de Lobato. Com lucidez de poucos, Bandeira joga luz nessa discussão e, apaixonado, se permite, com legitimidade, usar toda sua verve criativa na releitura de Lobato. “Eu li aquelas falas da Emília para a Tia Anastácia quando criança e aquilo não me fez ser uma pessoa racista. Ao contrário, o racismo me revolta. E fui criado em outros tempos, inclusive por ele, Monteiro Lobato”, diz. Convidado do *Navegar é Preciso*, o escritor concedeu a seguinte entrevista à *Vila Cultural*:

Vila Cultural. Qual a expectativa com o *Navegar é Preciso*?

Pedro Bandeira. Todos dizem que essa viagem à Amazônia é imperdível. Já fiz dois cruzeiros em rios, ambos fora do Brasil, um na Ucrânia e outro que achei o mais bonito, na Rússia, entre São Petersburgo e Moscou. E nós temos essas atrações aqui! Seria muito bacana

se pudéssemos trazer mais e mais gringos para fazer esse programa. Imagino que para eles deve ser maluco andar naquele enorme rio, ver o encontro das águas, observar crianças segurando jacarezinhos, brincando com bichos-preguiça, entre outros animais silvestres. Quando estive numa feira de livros na Amazônia, essas experiências foram marcantes. Comer um pirarucu, com aqueles temperos típicos, é uma experiência que não se pode ter em nenhum outro lugar do mundo.

VC. Gosta de socializar em um contexto assim, uma viagem?

PB. A profissão de escritor é extremamente solitária. Quando você escreve está sozinho. Quando alguém lê, também está sozinho. Por isso gosto tanto do convívio, de conversar, de trocar experiências.

VC. Podemos falar de Monteiro Lobato?

PB. Eu sou um “lobatista” desde que nasci. Quando meu pai morreu, eu ainda estava na barriga da minha mãe, então eu nunca o vi. Fui criado por ela, uma mulher maravilhosa, adorável, doce. E quando me perguntam sobre uma figura masculina na minha vida cito Monteiro Lobato.



“Lobato abre o livro dizendo que Narizinho é uma menina de sete anos morena da cor do jambo. Que cor é jambo? É uma cor escura. E se Narizinho é negra, ele era racista? Por que ele pôs cor do jambo?”, pergunta Pedro Bandeira, que recria, em seu próximo livro, o universo de Lobato em *A menina do narizinho arrebitado*

A imagem masculina era a dele. Havia também Robert Stevenson, Mark Twain, tantos autores. Mas Lobato foi muito marcante. Trabalhei como jornalista e comecei a escrever livros infantojuvenis tardiamente. “Se é para escrever sobre crianças, para crianças, vou imitar Monteiro Lobato”, eu me dizia. No meu primeiro livro, era como se eu tentasse usar a técnica dele. Claro que ninguém pode escrever pelo outro e você acaba criando a sua própria técnica, mas ele sempre foi uma influência.

VC. É o momento de redescobrir Lobato?

PB. Ele levou setenta anos para entrar em domínio público e eu discordo disso porque acho que é muito tempo. Se ele tivesse entrado em domínio público antes, teria sido importante. Não só pelo fato de qualquer editora poder publicar Monteiro Lobato sem pagar para a família, mas pelo fato de ele pertencer a seus leitores a ponto de você reinventá-lo a partir da própria obra dele. Eu mesmo já adaptei Andersen, irmãos Grimm, já reescrevi porque eles passaram a ser do mundo.

VC. Como ler Lobato agora?

PB. Monteiro Lobato sempre foi um autor que me ensinou a liberdade do pensamento. No Sítio do Picapau Amarelo, por exemplo, ninguém engole coisas. As pessoas, os personagens pensam sobre as coisas. E o pensamento, a alma enfezada dele, Monteiro, é a boneca Emília. Até porque uma boneca não tem as travas de um ser humano. Ela fala o que pensa. Na minha opinião ela é um produto de Narizinho, uma menina de sete anos que interage com seus brinquedos, a exemplo do que toda menina de sete anos faz. Ela conversa com suas bonecas e as suas bonecas respondem sim. É um momento solitário, em que a imagem e a criatividade são estupendas. Em *Reinações de Narizinho*, ela cria a Emília, ela faz a boneca falar. É o pensamento livre

A obediência cega só pode levar à repetição de velhos erros. É a desobediência que muda o mundo.

de Narizinho e o pensamento de Lobato. Ela quer saber das coisas e sempre me ensinou isso.

VC. Esse é um valor, uma característica da sua obra.

PB. Os meus livros só falam sobre isso, sobre liberdade e democracia. O meu livro mais vendido até hoje, depois de 36 anos de ter sido lançado, chama-se *A droga da obediência*. O personagem fala exatamente que obediência é uma droga. Obedecer cegamente é muito ruim. Você precisa escolher quando você diz sim e quando você diz não. E só o conhecimento pode te dar esse poder. O poder da escolha. A obediência cega só pode levar à repetição de velhos erros. É a desobediência que muda o mundo. Quando você cria uma coisa nova, você está desobedecendo o velho. Para o homem voar, alguém desobedeceu. E o homem voou. Para chegar à lua, alguém teve que desobedecer.

VC. O que pensa sobre as acusações de racismo a Lobato?

PB. Lobato é o maior escritor brasileiro para crianças. Sem dúvida nenhuma, ele é o inventor da literatura infantojuvenil brasileira. E tem especificidades incríveis, que é lutar pela liberdade, pelo novo, pela criatividade. Teve defeitos? Claro. Quem não tem? Mas é importante entender e lembrar que da primeira metade do século 20 até aqui o mundo mudou muito. Coisas que a gente vê, entende hoje como absurdas, na época não eram absurdas. Se você dissesse, por exemplo, na primeira metade do século 20, que não havia raças seria chamado de maluco. Como não há? Todo mundo sabe que há. Hoje isso parece estranho. Por isso não podemos pegar a ferro e fogo. Claro que ele trabalhava em prol da eugenia, que, na época, era uma

ciência ensinada nas faculdades. Os livros didáticos em que estudei, nas décadas de 1940 e 1950, mostravam as pessoas de um modo diferente: o branco, o negro e o índio. As raças eram ensinadas e ninguém achava isso absurdo. Na segunda série, a professora dizia que branco e preto davam mulato. O branco com o índio dava caboclo. O negro com o índio dava o cafuzo. E ela, a professora, ensinava com uma expressão de repulsa. Isso, acredite, era normal. Significa que hoje jogamos pedra no Lobato porque ele era normal. Só não há ódio na obra dele. Quando a Emília briga com a Tia Anastácia e a ofende, sob os olhos de hoje, era para provocar o humor, para ser engraçado. Há alguns anos, um artista do qual eu sou extremamente fã, o Renato Aragão, o comediante fantástico, fazia piada com a cor da pele do Mussum. E todo mundo morria de rir. Faz pouco tempo, e hoje obviamente ele não poderia fazer isso porque as coisas mudam. Mas você não pode obviamente xingar o Renato Aragão porque ele é um dos grandes brasileiros do humor, um gênio, assim como Mussum também era.

VC. É uma questão de memória e mudança?

PB. Em 1917, quando Lobato escreve *Urupês e a velha praga*, ele diz, nesta crônica, que o caboclo é o culpado pela terra brasileira não estar indo bem, porque ele é preguiçoso, vagabundo, miserável, um cogumelo que nasce com tronco podre. Ele é o urupê. E todo mundo achou maravilhoso quando a crônica foi publicada em *O Estado de S. Paulo*. Só que ele foi mudando. Poucos anos depois, Lobato descobriu que aqueles caboclos indolentes estavam infestados de muitas pragas, de muitas

Eu sou um realista. Mas o Brasil não vai afundar. Vai ser ruim, mas nós somos fortes. E eu sei que nós vamos sair dessa.

doenças, por isso eles não tinham forças. Então, ele alerta que era preciso cuidar da saúde pública para que aquilo fosse resolvido. Algum tempo depois, ele descobre que a situação do trabalhador do campo brasileiro é devida ao latifúndio, à exploração. E cria o personagem Zé Brasil. Antes, tínhamos o Zeca Tatu. Então, Monteiro Lobato mudava de opinião e nós, da nossa parte, não podemos, por causa dessas características da época, ir contra ele.

VC. Como recria Lobato no seu livro que está para sair?

PB. Ele tem outra característica que é uma grande novidade, apesar de não dever ser tão novo assim. Em 1920, a publicação de *A menina do narizinho arrebitado* dá uma lavada de vendagem. Lobato abre o livro dizendo que Narizinho é uma menina de sete anos morena da cor do jambo. Que cor é jambo? É uma cor escura. E se Narizinho é negra, ele era racista? Por que ele pôs cor do jambo? Ao longo das reedições, ele foi mantendo isso até a última edição, de 1947, antes de sua morte, em 1948. Se ela morava com a avó, Dona Benta, e com a empregada, a Tia Anastácia, então eu penso e me pergunto: será que ela não morava com duas avós, a vó Benta e a vó Anastácia? Por que não um dia o filho da Tia Anastácia se apaixona pela filha da Dona Benta e desse amor nasce Narizinho? Ele nunca falou de quem Narizinho é filha. Ela mora num sítio, isolada, provavelmente não vai na escola. Tudo que aprendeu é com a avó. E nunca ninguém disse quem é o pai e quem é a mãe de Narizinho. Sabe-se que ela é neta de Dona Benta e vem um primo dela, de São Paulo, Pedrinho, que é filho de uma filha da Dona Benta chamada Tonica, para brincar no sítio. Por que não

se falar? Será que ele jogou uma pista, uma bola? Mas se jogou ou não jogou, o que eu sei é que essa bola está comigo. Eu tenho direito de brincar com essa bola usando todo o amor que eu tenho pela obra de Monteiro Lobato.

VC. Podemos falar de política e educação?

PB. Já faz alguns anos, depois da ditadura militar, que eu vivi como jornalista e ator, precisando lidar com coisas horríveis, e nós ainda não fizemos uma boa redemocratização. Mas estamos tentando. Já tentamos inclusive fazer o início de uma revolução educacional, mas não aconteceu, apesar de termos criado vagas para todo mundo nas escolas. Quando eu estudei, no Brasil só havia vagas para 30% das crianças. No começo do século 20, 90% da população era analfabeta. Em meados do século 20, 60% da população era analfabeta total, fora o analfabetismo funcional. Mas ainda temos um enorme número de pessoas analfabetas ou não ligadas à cultura, à leitura, além dos analfabetos funcionais. Nós estamos no fundo do poço porque meninos e meninas no primeiro ano do ensino médio não são capazes de compreender um texto curto. E não são capazes de fazer uma regra de três. Por isso seria tão importante que um ministro da Educação estivesse pensando nisso, mas ele não está pensando nisso. Dizer ao professor o que ele pode ou não ensinar... A liberdade em casa é a primeira liberdade pela qual eu luto. Antes da liberdade da minha palavra, o meu professor tem que ser livre porque ele vai criar a liberdade da próxima geração, e esse senhor que dizer que nós devemos censurar o professor. Censurar a educação no seu nascedouro. E aí você observa um ministro da

Educação que, ao invés de falar que é preciso ter vergonha de o país estar com os piores índices educacionais nas pesquisas, no mundo, lá no fundo do buraco, ele vem a público dizer que é preciso fazer censura nas escolas. Ele não falou em nenhum momento em fazer uma revolução educacional no Brasil porque ele não tem ideia do que seja isso. Ele não toca nesse assunto. Que esperança eu posso ter?

VC. E tem alguma, afinal?

PB. Encontro esperança justamente no colo dessas professoras porque eu corro o Brasil inteiro há pelo menos 40 anos falando com elas, que são mal pagas, mal amparadas. A professora luta. Ela é uma heroína. Nas casas, você não tem isso. A nossa sociedade é uma sociedade do ter – e não do ser. O pai é capaz de fazer sacrifício para comprar um tênis de grife, uma roupa de grife para os seus filhos, mas chia quando a professora pede para comprar um livro. O pai acha mais importante investir no pé do que na cabeça do filho. Então o que nos resta: essa professora mal paga e desprezada pela sociedade. Se você perguntar para uma pessoa o que ela deseja profissionalmente e ela disser que quer ser professora, professor, a resposta vai ser: “Nossa coitada, coitado”! Dizer isso ao pai ou mãe é ser desestimulado: “Você ficou louco? Vai estudar informática!”, o pai fala. Por isso, a minha esperança é esse povo brasileiro. Mas um povo brasileiro informado, com a liderança do pensamento, que é o professor. O Brasil pode até dar uma pequena recuada, mas o professor não vai permitir isso. Ninguém vai botar o dedo no nariz dele. Você sabe o que é ser professor neste país?

VC. Apesar de tudo, permanece otimista?

PB. Eu sou um realista. Mas o Brasil não vai afundar. Vai ser ruim, mas nós somos fortes. E eu sei que nós vamos sair dessa. ✖

Nomes em evidência

O que pensam e escrevem algumas autoras que têm movimentado a literatura e o mercado editorial

Com obras, estilos e interesses diferentes, Aline Bei, Ana Martins Marques, Carol Bensimon, Giovana Madalosso, Jarid Arraes, Lucrecia Zappi e Natalia Borges Polezzo, as mulheres que estão na capa e nas próximas páginas desta *Vila Cultural*, são escritoras brasileiras que, apesar de ainda não serem plenamente conhecidas do público, acumulam elogios, prêmios, ótimos livros e as melhores perspectivas na literatura e na construção de suas respectivas carreiras. Palavra por palavra, são ao mesmo tempo uma amostra e uma demonstração da diversidade de vozes que, para muito além da questão do gênero, merecem ser lidas e ouvidas com toda atenção e apreço.

E se o momento histórico fez das questões femininas e feministas uma urgência e uma prioridade por uma sociedade mais justa, as escritoras reverberam, cada uma à sua maneira, um tema que não necessariamente está relacionado ao que escrevem. “Para mim, foi uma feliz coincidência viver um momento pessoal assim junto com essa Primavera Feminista que apareceu mais ou menos no mesmo momento. Quando eu escrevi *A teta racional*, as coisas ainda estavam começando a acontecer. Escrevi de uma maneira superintuitiva, e algumas pessoas acham que o livro foi escrito depois da visibilidade feminista atual”, disse a roteirista e escritora Giovana Madalosso em entrevista à *Vila Cultural* quando do lançamento



Giovana Madalosso

de *Tudo pode ser roubado* (Todavia), seu primeiro romance. *A teta racional* é o livro de contos de Giovanna.

Por outra via, a da literatura assumidamente política, nomes como o da cordelista Jarid Arraes, poeta e autora dos livros *As Lendas de Dandara*, *Heroínas negras brasileiras* e *Um buraco com meu nome*, os dois últimos da Pólen, têm no gênero e nas discussões sobre racismo temas centrais. “Cresci lendo homens e suas perspectivas como se fossem universais. E eu quero que os homens leiam livros de mulheres com essa mesma visão, não como

‘literatura feminina’, mas como literatura”, diz Jarid (*leia trechos do depoimento da escritora nas próximas páginas*), cujo avô, que vive em Juazeiro do Norte, no Ceará, é cordelista.

“A decisão de publicar um livro sempre implica um desejo de diálogo, de compartilhamento, e sem dúvida é uma alegria quando você se dá conta de que aquilo que escreveu toca ou interessa outras pessoas”, disse, em entrevista ao *Jornal do Commercio*, a poetisa Ana Martins Marques, autora de *A vida submarina* (Scriptum), *Da arte das armadilhas*, que ganhou o Prêmio Biblioteca Nacional em



Ana Martins Marques

2012, e do cultuado *O livro das semelhanças*, ambos da Companhia das Letras. “Impresso/como parece estranho/o mesmo nome/com que te chamam”, escreve Ana, no poema *Nome do autor*.

Para celebrar justamente os nomes e as vozes de autoras em evidência no Brasil, *Vila Cultural* traz, nas próximas páginas, entrevistas com escritoras que estão em plena atividade.

ALINE BEI

“Quero ser lida”, diz a autora de *O peso do pássaro morto*

Obra-prima da poeta americana Elizabeth Bishop (1911-1979), o poema *A arte de perder* (*One art*, no original) foi, de alguma forma, uma inspiração e uma referência para *O peso do pássaro morto* (Nós), o primeiro livro da escritora Aline Bei. Um romance híbrido, escrito em versos, o título é uma daquelas preciosidades com as quais só a literatura pode nos brindar. Trata, com delicadeza e vigor, das perdas que se dão na trajetória de uma vida, entre a infância e a maturidade.

Depois de estudar artes cênicas e se formar em Letras, Aline

também se transformou numa autora disciplinada. “Como todos os artistas que eu admiro”, ela diz. Vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura 2018 na categoria “melhor romance com autor de menos de 40 anos”, ela, que tem 30 anos, já trabalha em seu próximo livro. Todas as manhãs, religiosamente, mantém sua devoção ao trabalho e à escrita. Sabe do esforço contínuo do qual depende o bom texto e descarta a visão romântica em torno do processo criativo ou da imagem “clássica-boêmia” de um escritor, uma escritora.

Todos os dias, Aline também vai a uma agência dos Correios para postar os livros que ela mesma vendeu, por iniciativa própria, na véspera, nas duas horas em que se dedica às redes sociais e à vida digital. Além de gostar deste “trabalho manual”, que é uma trégua para o esforço intelectual, Aline tem causa mais nobre para a ação: ela quer ser lida. Leia a entrevista com a escritora:

Vila Cultural. Em que situação você descobriu sua habilidade, seu talento para o texto?

Aline Bei. Talento é uma palavra forte, intimida. Mas descobri a

minha vocação, digamos assim, em uma aula de Literatura na faculdade de Letras. Eu montei com os meus amigos uma revista para o curso. Depois do lançamento, entregamos alguns exemplares para os nossos professores, um deles era o Joca. Na semana seguinte, durante a aula, o Joca começou a declamar o meu texto que estava na revista, ele tinha decorado, demorei para reconhecer. Quando terminou – e o Joca é um senhor de quase 90 anos, inclusive temos ídolos parecidos, foi ele quem me apresentou o Manoel de Barros –, ele disse: “Continue escrevendo, Aline. Continue, que a escrita é um lugar para você”.

VC. Quanto tempo demorou para escrever *O peso do pássaro morto*?

AB. Escrevi o *Pássaro* durante uma oficina ministrada pelo Marcelino Freire. O grosso eu produzi em seis meses e o processo de edição durou mais de um ano. O *Pássaro* nasceu com uma força impressionante, todo o processo foi cheio de vida e de velocidade, sem espaço para crises.

VC. De onde vem o seu gosto por Elizabeth Bishop e que outros autores/autoras são importantes na sua formação?

AB. Vem exatamente do poema *A arte de perder*, com essas duas palavras convivendo, Arte e Perder. Outro poeta que começou em mim com um poema exato foi Álvaro de Campos, com *Tabacaria*. Também o e.e.cummings, com aqueles versos *nobody, not even the rain, has such small hands*.

VC. Nas suas melhores expectativas, você imaginava que *Pássaro morto* voaria tão alto?

AB. Impossível imaginar o que será de um livro depois de publicado, não sou boa de futuro. Mas eu sabia que lutaria por ele, como tenho lutado todos os dias desde que publiquei.

VC. A que atribui o encantamento que seu livro tem despertado nos leitores?

AB. Acho que as pessoas conseguem encontrar no *Pássaro* memórias e intimidades, parece que o livro resgata algo da própria vida do leitor.

VC. Como lida com as expectativas depois de ter um romance de estreia tão celebrado? Ganhar (assim como perder) também pesa?

AB. Evito pensar nisso. Prefiro focar no meu processo de escrita, nos meus estudos, e também na divulgação do *Pássaro*, é assim que eu me defendo de tudo o que é externo ao trabalho do escritor.

VC. O bem e o mal de ser uma escritora brasileira em 2019?

AB. A parte boa é a tecnologia, posso conquistar leitores de forma independente e ativa, no meu ritmo, exatamente do meu jeito. A parte mais difícil é saber administrar o próprio tempo, especialmente proteger o tempo da criação, que é o mais importante, buscar silêncios, se concentrar. Procuro ser bem disciplinada em relação a isso.

VC. Por que decidiu se empenhar pessoalmente na venda do livro?

AB. Porque eu quero ser lida.

CAROL BENSIMON

“Estou sempre pensando em ficção”, afirma a ganhadora do Jabuti 2018

Autora de *O clube dos jardineiros de fumaça* (Companhia das Letras), que ganhou o Jabuti de melhor romance em 2018, a escritora gaúcha Carol Bensimon vive atualmente na Califórnia, nos Estados Unidos, e diz que se mudou para dentro do seu livro. É só uma brincadeira para fazer referência ao lugar onde se passa a história,



Aline Bei

a pequena cidade de Mendocino, na costa californiana, cuja principal atividade econômica gira em torno do cultivo da maconha. “É lá que o jovem professor brasileiro Arthur busca recomeçar a vida, depois dos acontecimentos que o levaram a deixar Porto Alegre”, diz a sinopse do livro, que retrata a geração hippie e seu legado.

Aos 37 anos, Carol já trabalha em próximo romance, também tem escrito contos e admite que não é um momento simples para ser uma escritora brasileira. “Às vezes eu me sinto esmagada pelas notícias. Isso me leva a muitos questionamentos sobre como representar esse Brasil na literatura se ele parece tão absurdo na vida real”, diz em entrevista à *Vila Cultural*. Mestre em Teoria da Literatura, Carol fez doutorado na Sorbonne Nouvelle, em Paris, e integrou a edição de *Os melhores jovens escritores brasileiros* feita pela revista inglesa *Granta*, que deu visibilidade a vários autores da sua geração. Leia a entrevista da escritora:

Vila Cultural. Um ano depois do lançamento, que avaliação

faz da trajetória de *O clube dos jardineiros de fumaça* até aqui?

Carol Bensimon. Os primeiros meses foram mais lentos do que eu imaginava, mas isso tem muito a ver com a ansiedade do autor, porque o mundo literário, sobretudo no Brasil, tem um tempo muito particular. Mas então as pessoas começaram a ler o livro, que é relativamente extenso, e recomendar para amigos, postar comentários nas redes sociais etc. E aí finalmente veio o Jabuti, que fez o interesse pelo livro crescer muito mais. Eu diria que o romance está em uma linda trajetória, e sinto que esse livro ainda vai me dar muitas alegrias.

VC. O que mudou na sua vida e no seu trabalho depois do Jabuti?

CB. Muita coisa mudou na minha vida nos últimos meses. Não foi tanto por conta do Jabuti, mas pelo fato de que eu me mudei para a Califórnia, e isso aconteceu a partir da escrita do *Clube*, porque me apaixonei pela região onde se passa a história e comecei a enxergar uma existência possível para mim aqui. Então digamos que esse livro mudou minha vida,

por mais cafona que essa frase possa parecer. Agora, pensando especificamente sobre o Jabuti, acho que há uma consequência bem direta, que é o fato de receber mais convites, ser mais lembrada, vender mais livros, esse tipo de coisa. Mas também acho interessante observar como funcionam esses mecanismos de validação em um nível mais sutil. Parece que algumas pessoas passaram subitamente a me levar mais a sério.

VC. Qual é sua grande motivação para escrever livros?

CB. Para mim, querer contar histórias é tão natural que nem sei se consigo responder essa pergunta. Quando estou circulando pelo “mundo real”, estou sempre pensando em ficção, sempre pensando em como transformar sensações em palavras, ou a suposta vida de alguém em uma história coerente. Gosto da rotina também, embora às vezes escrever (ou não conseguir escrever) seja muito angustiante. Cada dia é diferente do outro, eu faço meus horários e, mais importante de tudo, fico sozinha em um escritório. Faz dez anos que vivo assim e não conseguiria pensar em um trabalho mais adequado ao meu temperamento.

VC. Quais são as dores e as delícias de ser uma escritora brasileira em 2019?

CB. Eu estou muito feliz com minha vida pessoal e com a minha carreira, mas devo dizer que não está exatamente fácil ser uma escritora brasileira em 2019. Às vezes eu me sinto esmagada pelas notícias. Isso me leva a muitos questionamentos sobre como representar esse Brasil na literatura se ele parece tão absurdo na vida real. Não é que eu ache que a ficção não possa dar conta da nossa realidade, mas é que às vezes parece que só a farsa, só a comédia podem lidar com tamanho horror, e eu sei que minha literatura não tem esse tom. Ao mesmo tempo, tenho consciência de que eu não preciso e nem quero envelopar



Carol Bensimon

todas as idiosincrasias do Brasil em um único romance. Quero lidar com indivíduos, com vida interior.

VC. O que você pensa sobre feminismo?

CB. É uma palavra que não pode ser banalizada por postagens de Facebook ou revistas femininas querendo surfar na onda do momento. Mas se um dia a palavra feminismo for totalmente esvaziada de sentido ou corrompida, o que talvez esteja bem perto de acontecer, espero que as mulheres ainda sigam lutando pelos seus direitos e por uma existência digna, seja qual for o nome disso.

VC. O que pensa sobre a expressão “geração Granta” e como lida com a inclusão do seu nome no grupo a que ela se refere?

CB. Ser incluída na edição da *Granta* foi algo bem importante na minha carreira naquele momento. Como o Jabuti, funciona como uma espécie de “selo de qualidade”, as pessoas levam bastante em conta esse tipo de mecanismo de validação, embora qualquer prêmio, qualquer escolha, possa sempre ser questionado. Não sei se existe uma “geração Granta”, isso só os

críticos poderão dizer no futuro. Muita gente boa, com carreiras consistentes, ficou de fora daquela edição. Acho que o que existe são pessoas que cresceram nos anos 1980 e que se tornaram escritoras, e essas pessoas escrevem de uma forma muito diferente dos autores que viveram os anos 60 ou 70, mas para mim isso parece quase uma obviedade. Cresceram em outro mundo, tiveram outras influências, portanto escrevem diferente, tratam de outros temas. Mas não sou a pessoa mais indicada para dizer de que forma isso aparece na literatura, estou perto demais para poder analisar.

VC. Em que projetos trabalha atualmente?

CB. Estou começando a trabalhar em um novo romance, mas ainda é uma ideia um pouco difusa que precisa ser desenvolvida para que então eu possa partir para a escrita propriamente dita. Também tenho trabalhado em alguns contos, mais como exercício do que com um objetivo concreto de publicação. E, em algum ponto desse ano, devo lançar um curso *online* sobre escrita de romances. Boa parte do material já está pronto.

JARID ARRAES

Cordel é rebeldia, afirma a ativista e poeta que escreveu *Um buraco com meu nome*

Jarid Arraes completou 28 anos no mês passado e não pára de escrever. Contabiliza mais de 60 títulos publicados na literatura de cordel. Ela nasceu em Juazeiro do Norte e a questão do gênero está intrinsecamente ligada à sua existência. Seu nome foi uma escolha do avô paterno, Abraão Batista, que é cordelista e xilogra-vador. “Meu avô sempre gostou de escolher os nomes dos netos. O meu é, na verdade, masculino e significa ‘causador de contendas’. O original é ‘Jared’, como o de um ator bem conhecido, o Jared Leto. Mas meu avô achou que mudando o ‘e’ para ‘i’ ficaria com uma sonoridade mais ‘feminina’. Tudo é bem divertido, né? Mal sabia que uma das minhas contendas seria justamente por questionar esse lugar de ‘feminino’ na sociedade, na literatura”, diz Jarid. Leia trechos do depoimento da escritora.

POR QUE ESCREVO

“Cheguei à conclusão que escrevo porque tenho coisas para dizer que ainda não encontrei por aí e isso me angustia. Estou em busca disso e enquanto não acho – porque não posso afirmar que não tenham sido ditas –, eu mesma vou dizendo. O meu livro mais recente, *Um buraco com meu nome* (Pólen), é isso. Eu queria falar sobre o que é profundamente feio em nós, nos outros, na sociedade, e queria falar de um jeito muito específico, muito individual e coletivo, muito político. Com *As Lendas de Dandara* e *Heróínas negras brasileiras* eu queria contar as histórias das mulheres negras que foram propositalmente esquecidas e apagadas da nossa História. Eu só encontrava seus fragmentos. Escrevo porque acredito que a escrita é sempre política e sempre envolve o coletivo. Isso me importa muito, e faço com muita consciência disso”.



Jarid Arraes

DE POLÍTICA E LITERATURA

“Toda literatura é política, quer saiba disso ou não. Um livro que só fala sobre andanças pelas ruas em Paris, sobre janelas, cores e solta palavras aleatórias em francês misturadas ao português, esse livro é político, porque mostra o lugar desse poeta. Quem é esse poeta? Ele viajou até Paris? Esse dinheiro ele ganhou com muito suor ou era uma herança de família? É branco? Foi fácil publicar esse livro? É negro? Quantos negros já ganharam prêmios literários? Quantos negros foram publicados por grandes editoras no Brasil? Há pesquisas acadêmicas a respeito disso. Posso citar a maravilhosa pesquisa de Regina Dalcastagnè, da UnB, que mostra o retrato dos romances brasileiros: brancos, masculinos, sudestinos, com protagonistas que são quase espelhos de seus autores. Sempre é político. Alguns negam, fingem não ver, porque é cômodo, porque é mais fácil, porque assim não se questiona a ideia do talento, do dom, do merecimento. Meus livros são considerados ativismo porque a norma dos protagonistas brancos é tão vista como o universal que sair da norma é ativismo.

Porque a norma do homem é considerada tão universal, que falar do ponto de vista de uma mulher é ativismo. Porque a norma do sudestino é tão universal, que falar do ponto de vista de uma nordestina é ativismo. Mas assim como há livros com personagens históricos brancos, por que não livros com personagens históricos negros? E quando escrevo poemas como *Dora*, que fala do primeiro caso de histeria de Freud, faço ativismo porque escancaro o machismo, mas também estou nos meus interesses – a poeta que sou, os livros que leio, as raivas que tenho. Entende? Todas as poesias são políticas”.

SER CORDELISTA EM 2019

“Sou muito feliz como cordelista. Eu tenho muito amor pela literatura de cordel. A métrica, a rima, o ritmo e a identidade literária e sonora. Dito isso, você pode escrever um cordel sobre qualquer tema e publicá-lo em folheto, livro, nas redes sociais, nos muros. Eu sempre vou publicar em folheto, mesmo que publique em livros também, porque o folheto é autonomia. É a liberdade do poeta. É a certeza de que ninguém

controla sua poesia. E o cordel pra mim é isso: pura rebeldia. Meu cordel é bastante consciente de seu lugar no mundo. Eu rompi com os temas tradicionais, não escrevo aquele 'mais do mesmo' de temas machistas, racistas e homofóbicos sobre cornos, sogras, Lampião etc. Tenho protagonistas mulheres, temas que desafiam pensamentos que devem ser ultrapassados. E foi assim que consegui reunir dois públicos: o pessoal que já gostava de cordel, mas nunca tinha lido nada nesses temas, e o pessoal que se interessou por esses temas, mas nunca tinha lido cordel. Eu vendo cordel pra caramba, tudo independente. Já vendi mais de 60 mil cordéis nos últimos quatro anos, só pela internet. Mas, curiosamente, nunca sou convidada para os *stands* de cordel das bienais, para os eventos de cordel e coisas do tipo, porque quem faz as curadorias desses eventos são os homens de sempre, que escrevem os temas de sempre, e que talvez fiquem chateados com minhas críticas a respeito do machismo etc. Um deles até aconselhou uma editora a não publicar o *Heroínas negras brasileiras*. A editora não publicou, seguindo seu conselho. Aí publicamos por outra e já temos aí 12 mil exemplares pelo mundo. Essa galera que não se atualiza, é uma tristeza, né?”

AUTORAS QUE INSPIRAM

“Conceição Evaristo foi a primeira escritora negra que li na minha vida. Eu tinha 19 anos. Já tinha lido tantos livros que seria impossível contar, mas só com 19 anos li minha primeira escritora negra. E tive a felicidade de já dividir mesas de eventos literários com ela. A primeira vez, nossa! Chorei demais. Ela me abraçou, tão linda. Inesquecível. Com ela, nos *Cadernos negros*, veio Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro. Beatriz Nascimento, Ana Maria Gonçalves. Todas muito importantes para minha formação, pois são brasileiras. Dessas, apenas



Lucrecia Zappi

Beatriz já faleceu. Então é incrível poder ter contato com escritoras que me fortaleceram e me encorajaram a publicar. Essas são as negras, claro. Mas tenho uma paixão enorme pela Sylvia Plath e Anne Sexton, poetisas que descobri na adolescência, com as quais me identifico muito.”

LUCRECIA ZAPPI

“Percebi que o leitor não é um ser invisível, afirma a autora do romance *Acre*

Acre (Todavia), publicado ano passado, é o nome do romance mais recente de Lucrecia Zappi, que lançou *Onça preta* (Benvirá), seu primeiro romance, em 2013. “*Acre* é um romance que fala da multidão, mesmo que seja por meio do microuniverso de uma janelinha isolada”, diz a escritora ao falar da relação conflituosa da classe média com São Paulo no contexto do livro. Lucrecia, que nasceu na Argentina e veio para o Brasil aos 4 anos, vive há uma década nos Estados Unidos e já começou a trabalhar em seu próximo livro, *L de*

cavalo, cujo argumento, como ela revela em entrevista à *Vila Cultural*, já surge desafiador.

Vila Cultural. Que avaliação faz da trajetória de *Acre*?

Lucrecia Zappi. *Acre* veio no rastro da *Onça preta*, meu primeiro romance, e trata de questões semelhantes, tais como o canto coletivo do povo entrincheirado pela violência cotidiana, sem importar onde – mesmo que seja em silêncio, e com uma lente aproximada sobre poucos personagens. Sai do campo, vai para a cidade, e o que muda? Eu também me sinto atraída pelos personagens que as pessoas criam para si mesmas. E como se espelham no outro. Nesse jogo de aproximações, em *Acre* achei interessante como o ciúme ganha chão e expõe o lado mais vulnerável e irracional das pessoas. Com *Acre*, passei a me sentir mais próxima dos leitores, pelos comentários também imploráveis, como se o livro arranhasse uma ferida já esquecida, mas que nunca cicatrizou. Passei a me sentir mais suscetível porque percebi que o leitor não é um ser invisível, mas que respira quase no mesmo compasso, e segue

transformando a obra, aparentemente finalizada.

VC. Como define a sua trajetória como escritora e qual é, para você, a grande motivação para escrever livros?

LZ. Sempre escrevi. Lembro que aos oito, nove anos, tentava ecoar as peripécias da fada Clara-Luz, clássico da nossa literatura infantil, de Fernanda Lopes de Almeida, ilustrado por Elvira Vigna. Fui uma adolescente leitora que gostava de escrever cartas, especialmente depois de me mudar para o México, quando telefonar para os amigos era impensável. Era fita K7 gravada ou carta. Mais tarde, na *Folha de S. Paulo*, trabalhei como repórter, e ao mesmo tempo que era um mergulho nas histórias cotidianas dos outros, eu me sentia um pouco presa pelo manual de estilo do jornal. Ao me mudar para os EUA, onde moro há dez anos, senti uma espécie de liberdade que o exílio muitas vezes oferece de repente: ser quem você quiser, sem que alguém te reprove. Eu sei que soa meio clichê, e até um pouco covarde, mas é assim. Acho que a maior motivação para escrever é ver como uma história se transforma nas minhas próprias mãos, o que segue sendo um mistério. Observar as pessoas, como elas se filtram e se interpretam, os idiomas diversos que aparentemente as distanciam, e como no final seguem sendo parecidas, sem importar a distância física e social. Acho que é o material mais corriqueiro que me interessa. As vontades mais simples e as necessidades aparentemente mais banais.

VC. Quais foram os autores mais influentes, mais importantes na sua formação como autora?

LZ. Graciliano Ramos, Thomas Bernhard, Samuel Beckett, Virginia Woolf, W.G. Sebald. Sou fã de muitos outros, desses que volta e meia lembro de uma passagem que gostei e penso: 'como foi mesmo que ele fez

isso?' Só de me perguntar algo assim, já sei que fui influenciada em algo.

VC. Que atributos são indispensáveis, na sua opinião, seja na realidade ou na ficção, para exercer o ofício da literatura neste século 21?

LZ. Penso que é imprescindível a leitura. Em segundo lugar a disciplina, não só a de estipular um horário diário para a escrita, mas ter a disciplina para editar o texto. Uma passagem que parece muito bonita, mas que fica ali feito um caroço lírico, não funciona. Cortar, mudar a estrutura da frase, ler em voz alta, mudar passagens de lugar para ver se funcionam, tudo isso é importante. Por último, eu diria que um escritor tem que ter uma dimensão histórica. Mesmo no campo da ficção, um texto em que ele vive e a perspectiva de onde ele está no mundo.

VC. Em que projetos trabalha atualmente?

LZ. Estou escrevendo um novo romance, chama-se *L de cavalo*, em referência à peça do xadrez. É como uma virada de esquina na vida, que muda completamente o rumo das coisas. Ao mesmo tempo, é uma reflexão de como estamos sujeitos às regras de um jogo social. O livro fala da violência banalizada do cotidiano, a partir de duas adolescentes que decidem se encontrar dez anos após terem cometido um crime terrível durante uma balada. É essa virada de esquina, que poderia ter acontecido a qualquer um de nós. Também é um livro sobre a vontade de testar os limites e como alguém volta à vida comum depois de ter se tornado uma figura pública por meio da violência. E as protagonistas são mulheres, justamente em um tempo em que as elas reivindicam o respeito que nunca tiveram. Agora, o que fazer com duas adolescentes da elite paulistana que matam alguém? Daí vem outro jogo.

NATALIA BORGES POLESSO

“O desafio é não cair na inércia”, declara a autora de livro de contos *Amora*

O Prêmio Jabuti 2016 de contos, *Amora* (Dublinense), da escritora Natalia Borges Polesso, traz 33 narrativas sobre o amor feminino e os relacionamentos entre mulheres. Natalia estreou na literatura com *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (Não Editora), pelo qual recebeu, em 2013, o Prêmio Açorianos também na categoria livro de contos. Em *Coração à corda* (Patuá), publicou poesias. Natalia é doutora em teoria da literatura na PUC-RS. “Todos os dias eu uso a escrita para pensar o mundo e o meu lugar nele”, diz Natalia em entrevista à *Vila Cultural*.

Vila Cultural. Qual o maior desafio e o maior prazer ao assumir, pela escrita, o seu lugar no mundo?

Natalia Borges Polesso. Eu procuro entender a escrita como um exercício de vida, para a vida, e creio que isso seja parte de um processo de aprendizagem que o próprio ato de escrever diariamente me trouxe. Não é que eu escreva todos os dias um conto, um poema, uma crônica ou que trabalhe num romance, mas é quase isso. Todos os dias eu uso a escrita para pensar o mundo e o meu lugar nele. Acho que o maior desafio é justamente pôr em prática esse deslocamento que a escrita proporciona, esse exercício de pensar alteridades e a partir dele examinar meu próprio lugar. É uma posição de vulnerabilidade constante. E mais: a disciplina de manter o hábito, a constância de desejar travar essa batalha. Isso funciona para leitura também. A gente vive um tempo louco que nos inunda com urgências e, como efeito no meu corpo, causa

uma ansiedade quase paralisante. O desafio é não cair na inércia. O desafio é seguir no meu tempo. O prazer é compartilhar.

VC. Como exercício de autocohecimento ou autodescoberta, o que você tem aprendido de mais valioso sobre você mesma ao escrever?

NBP. Sobre mim tenho aprendido o quão resiliente posso ser e também o quão paciente, porque o corpo, a materialidade do real não consegue acompanhar os desejos, as ideias, a criatividade, a curiosidade. Há muitos projetos que ficam só no plano das ideias mesmo. Mas isso também é parte do exercício.

VC. De onde vem o seu gosto por contos e quais são os autores/ autoras relevantes na sua formação como escritora?

NBP. Julio Cortázar, Jorge Luis Borges, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Anton Tchekhov, Guillaume Apollinaire. Fiz graduação em Letras, esses autores fizeram parte da minha formação. Hoje gosto de muitas contistas contemporâneas como Conceição Evaristo, Carol Rodrigues, Luciany Aparecida, Fernanda Vieira, Cidinha da Silva, a Lesley Nneka Arimah, recentemente traduzida. Mas eu leio de tudo, e muita poesia! Eu também escrevo de tudo. Calhou de um livro de contos me dar mais alegrias, de as pessoas curtirem também. Mas eu leio e escrevo de tudo mesmo.

VC. O fato de ser uma autora premiada cria algum tipo de “pressão interna”, cobrança ou expectativa em relação ao que você está por fazer?

NBP. Um pouco, mas eu tento não dar atenção a isso. Já que pra mim a escrita é exercício, seria incoerente eu travar uma competição interna só pra me deixar doente. O bom é que eu sempre estou com projetos paralelos, o que cria uma variedade no exercício e me deixa mais tranquila quanto ao resultado



Natalia Borges Polezzo

de cada um. É tudo uma aventura, uma experiência! Eu gosto de desafios. O processo é sempre uma viagem fascinante.

VC. Como feminista, como entende e administra, no seu processo criativo, a coexistência da militância, do ativismo e da criação literária?

NBP. Não é difícil. Ser feminista é uma escolha pra vida, um modo de estar no mundo, e isso acaba afetando tudo. Isso quer dizer que todos os meus livros serão feministas? Possivelmente. Mas isso não quer dizer que as personagens serão ou que o feminismo estará no centro de todas as narrativas. Há preocupações outras e também as pautas do feminismo são bastante variadas: saúde, trabalho, bem-estar, família, representatividade política... A militância eu faço na vida, não na ficção, quando me posiciono diante de algum questionamento, quando ajudo a construir eventos ou quando me preocupo em citar autoras mulheres, autoras negras, numa entrevista, por exemplo. Acho que a gente escreve com nosso corpo, com nossas vivências, o processo criativo se vale disso, é elaboração. Por exemplo, minha pesquisa de pós-doutorado,

Geografias lésbicas, é algo que se encaixa em uma preocupação com o ativismo, com dar atenção a autoras LGBTQs, mas dentro dessas obras meu foco é o espaço. Qual é nosso espaço no mundo? Quais são as geografias possíveis para nossos corpos?

VC. Como se autodefiniria como mulher-escritora no Brasil neste momento?

NBP. Não sei. Estamos vivendo um momento difícil. Acho que não posso definir nada agora. Talvez, se eu pudesse escolher algumas palavras para nortear meu caminho daqui pra frente, elas seriam *paciência e resistência*. Ah, importante: não confundir paciência com passividade.

VC. Em que projetos trabalha atualmente?

NBP. Um romance de formação que sai em julho, pela Companhia das Letras: *Controle*. Ando rabiscando uns contos de ficção científica e uns poemas sobre o fim do mundo. Tenho me dedicado a uns projetos de tradução, os quais gosto muito. Tem também projeto ultrassecreto que envolve mais três escritoras. E o pós-doc, claro. Não sei dizer não.

Tarsila popular

Mostra que abre mês que vem no Masp revela outros aspectos da obra de Tarsila do Amaral

As mulheres também protagonizam a cena de 2019 no Masp, o icônico museu paulistano, em plena avenida Paulista. Entre os destaques da programação, além da mostra recém-inaugurada de Djanira da Motta e Silva (1914-1979), estão as exposições de Lina Bo Bardi (1914-1992), a arquiteta que projetou o museu, e *Tarsila popular*, que reúne mais de uma centena de trabalhos de Tarsila do Amaral (1886-1973).

As duas exposições estreiam em abril e, no caso de Tarsila, a ideia é uma nova abordagem que, junto com o olhar modernista, quer enfatizar, como sugere o título, “personagens, temas e narrativas, especialmente em relação a questões sociais, políticas, raciais e de classe, bem como chamar atenção para as aproximações com a arte popular”, informa a curadoria do museu.

É uma oportunidade e tanto para rever a trajetória e outros aspectos do trabalho de Tarsila, que, nos últimos anos, ganhou museus e críticas internacionais, reafirmando e revigorando seu nome e sua relevância na arte contemporânea.

Tarsila nasceu e passou a maior parte de sua infância numa fazenda no município de Capivari, em São Paulo. De família tradicional, aprendeu a tocar piano e falar idiomas, inclusive o francês. Aos 15, em 1901, começou a estudar no Colégio Sion, na capital paulista, onde pintou *Sagrado Coração de Jesus*, seu primeiro quadro. Antes de embarcar para Paris, em 1920,



Autorretrato, de Tarsila do Amaral, 1924

para completar sua formação artística, estudou modelagem em barro com o escultor sueco radicado no Brasil William Zadig (1884-1952).

Em plena efervescência das artes e da vida cultural na capital francesa, Tarsila aperfeiçoava suas técnicas de pintura e escultura. Além de conviver com os

grandes nomes da produção local, manteve contato e vínculos com os artistas que articulavam, no Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922. Integrou-se oficialmente ao Grupo dos Cinco, formado por ela, Mario e Oswald de Andrade (com quem Tarsila se casaria em 1926), Menotti Del Picchia e Anita Malfatti.

Fascinada por viagens, Tarsila do Amaral materializou esse gosto e toda a sua vivência em diferentes lugares para descobrir e redescobrir o Brasil com seu trabalho. Devorou, para usar a linguagem antropofagista que deu fama ao modernismo brasileiro, todas as influências da arte europeia para transformá-las de maneira singular em sua obra. “Ela, inconscientemente, colocou em prática estratégias de mútua digestão simbólica. Não acho que Tarsila fosse ‘cubista’, assim como tampouco foi ‘surrealista’, mas sem dúvidas sua obra se informa de ambas as correntes e experiências. Tarsila sempre foi uma artista brilhantemente eclética”, avalia o curador venezuelano Luis Pérez-Oramas ao comentar a exposição *Tarsila do Amaral: Inventing modern art in Brazil* no MoMa de Nova York, exibida também no Art Institute of Chicago, nos Estados Unidos, em 2017.

Além de integrar o Movimento Pau-Brasil, ao lado de nomes como Blaise Cendrars, Goffredo da Silva Telles, Olívia Guedes Penteado, mais Oswald e Mario de Andrade, Tarsila deu cor e forma à ideia de brasilidade, levando para suas telas as cores da natureza e da cultura popular em quadros como *Morro da favela*, *O vendedor de frutas* e *Paisagem com touro*, todos feitos na década de 1920, assim como o mais famoso de todos, *Abaporu*, que ela pintou para presentear o marido Oswald de Andrade. Em tupi-guarani, *aba* significa homem; *poru*, comer. O quadro pertence a um colecionador argentino e vale, segundo especialistas, algo na casa de R\$ 30 milhões. Tarsila do Amaral morreu aos 87 anos no dia 17 de janeiro de 1973. 🐦

Obra e vida em livros

Cinco títulos que focalizam a trajetória libertária da artista

Tarsila do Amaral, a modernista

Na biografia publicada pela Edições Sesc, a professora e ensaísta Nádia Battella Gotlib recria a trajetória libertária de Tarsila do Amaral. Lindo, o livro trata da formação artística, do circuito modernista, do Movimento Pau-Brasil e da Antropofagia, além de focalizar o empenho e a resistência da pintora em prol da diversidade artística ou afetiva-pessoal.

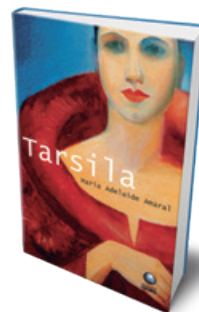


Contando a arte de Tarsila do Amaral

Da Global Editora, o livro de Angela Braga-Torres tem o tom didático que cativa o jovem leitor fazendo entender porque, com pinturas de tonalidades múltiplas, Tarsila trouxe novas faces do Brasil retratando paisagens, fauna, flora e também os brasileiros. O livro destaca as pinturas famosas como *Abaporu* e *Operários*, inserindo informações que cativam pela fluência e coloquialidade.

Tarsila

No título da editora Globo, de 2012, a escritora e dramaturga Maria Adelaide Amaral dedica-se a entender, fascinada, a vida e a obra da artista que retorna ao Brasil em 1922 depois da temporada gloriosa em Paris, e a “personagem” que, meio século depois, chega à velhice. A relação de Tarsila com Mário de Andrade, Anita Malfatti e Oswald de Andrade é objeto de interesse no livro.



Tarsila do Amaral

Da Moderna, o livro de Angela Braga e Lúcia Rego integra a coleção *Mestres das Artes no Brasil* e é uma alternativa para os pequenos se familiarizarem com a vida da filha de fazendeiros de café que se transformou numa das mais importantes artistas brasileiras. Com um trabalho influenciado pelo cubismo e pelo impressionismo, Tarsila criou obras que ficaram famosas mundialmente.

Aí vai meu coração

“As cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins” é o subtítulo do livro de Ana Luisa Martins para a Global Editora. O conteúdo é bombástico: o triângulo amoroso vivido por Tarsila do Amaral, a escritora Ana Maria Martins e o crítico de arte Luís Martins. Anna e Luís são os pais de Anna Luisa, que trouxe o segredo de família – de consequências traumáticas – a público em 2010.



Revolução Laura

Manuela D'Ávila conta em livro a experiência de ser mãe e candidata à vice-presidência do Brasil ao mesmo tempo

A jornalista, política e candidata à vice-presidência do Brasil nas eleições de 2018 Manuela D'Ávila autografa dia 18 de março, na loja da Fradique, seu primeiro livro, *Revolução Laura – Reflexões sobre maternidade & resistência* (Belas Letras), em coautoria com Cris Lisboa. A ideia do livro, que vem a público exatamente no Dia Internacional da Mulher, é desafiadora: uma espécie de diário que documenta a jornada da campanha política de uma mulher que percorre dezenas de cidades brasileiras sem abrir mão do exercício cotidiano da maternidade, já que a filha de Manuela, Laura, de 2 anos, esteve sempre ao lado da mãe.

“Quando a gente mudar a nossa cultura vai achar estranho pais que nunca estão com seus filhos. Alguém está. Esse alguém é a mãe. Isso tem relação com mulheres não ocuparem espaço público. É fácil, fácil pra um homem. Quando desfila com o filho, vira mito”, escreve Manuela. O livro também mostra como ser mãe “não somente revolucionou a vida de Manuela, mas intensificou a luta para que privilégios não existam mais”.

“O livro é um recorrido mental de impressões que parecem bilhetes, crônicas ou anotações simples. Foi escrito aos pedaços, durante uma longa trajetória em que Manuela percorreu 19 estados amamentando Laura em campanha presidencial e foi construindo uma nova forma de ocupação do



Manuela D'Ávila e Laura

espaço político”, diz o material de divulgação da editora.

Com Laura, Manuela revela ter vivido situações engraçadas, como quando a menina apareceu com a fralda suja de cocô no meio de uma entrevista para um canal

de TV, ou mesmo de puro afeto, quando uma reunião foi adiada porque ir ao cinema assistir *Os Incríveis 2* era compromisso marcado entre mãe e filha.

A cena singela e amorosa da criança no colo da mãe não foi suficiente para evitar manifestações de ódio. “E então, no meio da festa, enquanto curtíamos o lindo show de Duca, uma mulher me agrediu e agrediu a Laura, que estava pendurada no *sling*. Batia no corpinho dela, enrolado no tecido, perguntando se eu havia comprado aquilo em Cuba ou na Coreia ou se havia comprado nas minhas férias em Miami com dinheiro público. Vou repetir, porque é importante: uma mulher dava batidas no corpo de um bebê com menos de dois meses pendurado no colo de sua mãe por causa de uma notícia falsa. Você consegue se imaginar nessa situação? Eu nem tive tempo para reagir. Quando percebi, ela já estava longe. Não lembro direito de nada.”

O livro, diz Manuela, é também uma manifestação de aprendizado “do quanto a maternidade é capaz de fazer olhar para dentro e ensinar sobre os próprios erros”. 

LANÇAMENTO

Livro: *Revolução Laura – Reflexões sobre maternidade & resistência* (Belas Letras), de Manuela D'Ávila e Cris Lisboa

Loja: Fradique

Quando: dia 18 de março, a partir das 18h30

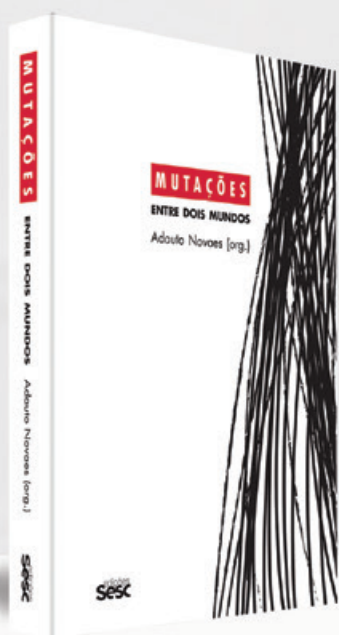


EXERCÍCIO DE CIDADANIA



PLURAL E COMUM sociologia de um mundo cosmopolita **Vicenzo Cicchelli**

Ao expor as relações entre o cosmopolitismo e o crescimento dos nacionalismos e da xenofobia, livro propõe que a chave para a convivência consiste em estar atento à diversidade, em reconhecer e apreciar o outro como tal.



MUTAÇÕES entre dois mundos **Adauto Novaes (org.)**

Nesta edição especial da série Mutações, 23 pensadores são convidados a retomar os temas centrais debatidos nas edições anteriores, tais como o tempo e a história, a civilização e a barbárie, os vícios e as virtudes.



ELOGIO DO POLÍTICO uma introdução ao século XXI **Vincent Peillon**

Um debate sobre o mundo contemporâneo a partir da distinção entre a política, entendida como aquilo que se relaciona com o poder, e o político, visto como a busca do bem comum, diretamente ligada à vida na cidade.

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja e conheça o catálogo completo



edições
Sesc

Mundo em crise

Monja Coen conversa sobre religião na série de encontros propostos pela Sociedade Brasileira de Psicanálise

Para um diálogo sobre religião, a Monja Coen é a convidada especial da série de *Encontros Mal-estar na civilização*, que marca a estreia do projeto da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP-SP) na Livraria da Vila da Fradique, no dia 21 de março, entre 19h30 e 21h30. O evento tem apoio da *Folha de S. Paulo*.

Debater os sofrimentos psíquicos e as questões sociais ou políticas relativas à subjetividade contemporânea está entre os propósitos dos encontros. Amor, sexualidade, violência, poder e felicidade são alguns dos temas que serão abordados nos próximos meses.

“Os temas são percebidos por nós como áreas de tensão, de crise e de transformação. Atravessam a nossa experiência com o mundo, fazem parte da subjetividade contemporânea; esta emerge no interior da cultura que a conforma, e, por vezes, também, se revolta contra a própria cultura”, diz a psicanalista Luciana Saddi, diretora de Cultura e Comunidade da SBP-SP e idealizadora dos encontros.

Autora de livros como *O amor leva a um liquidificador* (Editora Casa do Psicólogo), *Perpétuo-Socorro* (Jaboticaba) e *Alcoolismo*, da série *O que fazer?* (Blucher), em coautoria com Maria de Lurdes Souza Zemel, Luciana concedeu um depoimento exclusivo à *Vila Cultural* em que fala não só do projeto mais de assuntos tão atuais



A psicanalista Luciana Saddi

quanto incontornáveis na construção de diálogos dos mais importantes e urgentes. Leia a seguir.

SOBRE OS ENCONTROS

“Pode-se encarar os *Encontros* como contribuição da psicanálise ao momento atual, um momento de muitos questionamentos. O saber da psicanálise não pode ficar excluído do debate nacional. A psicanálise tem mais de cem anos de história, nossos achados são importantes nas áreas da saúde, educação, família, ciências, infância, literatura, história e filosofia, só para citar algumas áreas. Também no campo das artes há influência mútua. Queremos levar aos espaços democráticos e participativos reflexões sobre a

atualidade. Promover o diálogo entre diversos aspectos do saber e psicanálise.”

O ESPAÇO DO DIÁLOGO

“Estamos num momento político e social muito polarizado, é tudo tenso, estridente, exagerado. Há pouco espaço para a conversa, para decantar ideias e para trocas. Somos encharcados de informações diárias; fica difícil discernir procedência ou verdade, assim, nos sentimos perdidos e impotentes. Os *Encontros* procuram amenizar tais sentimentos. ‘Opiniões são formadas no processo de discussão aberta e debate público’, cito uma frase de Hannah Arendt.”

MAL-ESTAR NO SÉCULO 20

“Num panorama amplo e abrangente, a revolução industrial e o surgimento das metrópoles romperam a relação do homem com a natureza. O mundo passou a ser cada vez mais construído pelo homem e, aparentemente, se tornou mais desorganizado e caótico. A modernidade é decorrente desse movimento que acabou por colocar a realidade em crise. Não é à toa que o primeiro romance moderno seja *Dom Quixote*, de Cervantes. Trata-se de uma personagem que não sabe quem é, qual seu lugar na ordem do mundo, num mundo em constante transformação. Modernidade é conflito, contradição, incerteza – é

crise permanente. As ciências, a democracia – no sentido dos ideais republicanos e iluministas –, têm menos solidez e oferecem menos garantia que as religiões, as teocracias, a tradição ou até mesmo a magia. Viver num mundo em crise, sem saber o que é verdadeiro ou falso, suspeitando da realidade, exige muito de nós.”

MAL-ESTAR NO SÉCULO 21

“A pós-modernidade agravou ainda mais essa sensação de crise. A virtualidade e a tecnologia fizeram o mundo e o homem perder substância, tudo é mais líquido ainda. Desconfiamos, constantemente, a respeito do que é real ou não. Daí a violência, o excesso, o exagero terem se tornado um tipo de prova de realidade. É real aquilo que ‘gritar’ mais alto, o que ‘causa’, como diria o jovem; as ações bombásticas, os atentados são reais. As opiniões tipo xingamento das redes sociais são mais reais que os estudos científicos. Pensamento e ação trocaram de lugar. A ação, o fazer, tomou o lugar do pensamento, decorre, então, uma nova maneira de ser do homem e do mundo. Estamos tentando entender que maneira é essa. Paralelamente, vivemos com muita liberdade, com possibilidade de experimentar, de ser e de fazer, muito distante da tradição. Isso é bastante incômodo.”

DA SOCIEDADE DIGITAL

“A tecnologia vem mudando o homem. Lembro-me de estar num debate com Otavio Frias, editor da *Folha de S.Paulo*, falecido no ano passado, e ele dizer que nas redes procuramos informações e notícias que confirmem nossas posições. Ele denunciava um



A Monja Coen participa do encontro na Fradique dia 21 de março

fechamento paradoxal. Como nunca houve, há informação disponível e de fácil acesso a todos e, ao mesmo tempo, pouca disposição para romper com ideias pré-estabelecidas, para construir um repertório de conhecimento que ultrapasse o conhecido, enfim, para sair da zona de conforto.”

A PSICANÁLISE AGORA

“A psicanálise apresenta o homem ao homem. Escuta, conversa, procura brechas que possibilitem representação e pensamento ao que é obscuro, sombrio e sintomático. Permite que o absurdo se revele, que camadas de sentimento e pensamento soterradas venham à tona. Cria espaço para o impensável se apresentar. Sem saber as respostas, isso é importante reafirmar, promove o diálogo

e legítima sofrimentos. Não é uma ideologia. Acumulou ao longo de um século alguns conhecimentos sólidos a respeito do inconsciente e suas relações com a consciência, também investigou a cultura, a vida em sociedade, o comportamento das massas, a infância, as primeiras relações familiares. A disposição ao diálogo, a abertura ao outro e ao desconhecido é nossa maior contribuição no momento.”

SEXUALIDADE E GÊNERO 1

“Freud foi um grande pensador da sexualidade humana – a clínica de sua época expressava em parte o esforço vitoriano em reprimir a sexualidade. O estudo dos diversos elementos componentes da sexualidade o levou a escrever o famoso *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905. Lá ele já questionava o que era propriamente feminino ou masculino. Não é uma questão fácil se pensarmos além do senso comum. Parece mais fácil perceber os movimentos ativo e passivo da sexualidade. Temos

“As opiniões tipo xingamento das redes sociais são mais reais que os estudos científicos. Pensamento e ação trocaram de lugar.”

A infelicidade vem do nosso próprio corpo condenado à decadência e à dissolução – viver, adoecer e envelhecer significa experimentar angústia, medo e sofrimento.

ambos movimentos. Na intimidade de cada um de nós a sexualidade é bastante complexa, não é estática, é formada por inúmeros componentes, por identificações e pelas pulsões. Cada um de nós é uma categoria, e podemos considerar que somos categoria em movimento, categoria que depende de interações.”

SEXUALIDADE E GÊNERO 2

“Se a sexualidade é construída ao longo da vida, desde a infância, por inúmeros acontecimentos internos e externos, se esse é um movimento contínuo e aberto, o gênero também pode ser visto como algo mais complexo. Não basta nascer com pênis para ser menino ou nascer com vagina para ser menina. Como cada um se torna menino ou menina – estamos num constante movimento de vir a ser/endo – e como cada um apreende a potência simbólica do feminino e masculino é o que nos interessa. Como somos animais sociais haverá conformação da subjetividade à cultura e também contraposição, conflito e tensão.”

SEXUALIDADE E GÊNERO 3

“Podemos dizer: mulher ou homem, gênero feminino ou masculino, mas isso é só uma pontinha do que somos, da forma como a psicanálise encara essa questão. E há os transgêneros que problematizam a divisão em duas categorias e problematizam a diferenciação da biologia. A liberdade hoje é muito maior, há possibilidade de experimentar, de jogar, de brincar com essas categorias e de contrariar a tradição. E há os sofrimentos sociais, a condição da mulher nas sociedades machistas, o feminicídio, o preconceito, não

vamos negar o social, há uma ponte entre o individual e o social. Por isso, a questão é complexa.”

O PROBLEMA DA FELICIDADE

“*O mal-estar na civilização*, ensaio de Freud que dá título aos *Encontros* na Livraria da Vila, pode ser visto como um tratado sobre o problema da felicidade. O homem paga elevado preço pela civilização. Abre mão da satisfação dos impulsos sexuais e dos impulsos agressivos para viver em sociedade. Para preservar a vida, renuncia a muitos prazeres. Nada disso garante a felicidade. Pode-se garantir algum sossego em troca de felicidade, por exemplo.”

O “CERTO”; O “ERRADO”

“Reprimir os impulsos agressivos levou a maior ataque interno. Se não posso agredir livremente o outro, agrido a mim mesmo e exijo de mim cada vez mais. Segundo Freud, esse movimento é inconsciente, ele o denominou de autopunição por sentimento inconsciente de culpa. Quanto mais corretamente, do ponto de vista moral, nos comportamos com os outros, mais nos voltamos contra nós mesmos, nos agredimos e menos usufruímos da felicidade. Somos corretos com os outros e intransigentes, cobradores, intolerantes conosco. Não é à toa que grande parte da humanidade tem o diagnóstico de depressão. Além de favorecer a indústria dos medicamentos, isso indica que estamos cada vez mais nos atacando sem perceber e nos fazendo infelizes.”

HISTÓRIA DA REALIDADE

“O historiador evolucionista Harari também defende ideia

semelhante sobre o mal negócio da civilização. Ele fala do alto custo que foi para o homem deixar de ser caçador coletor e se fixar na terra, plantar e colher. Segundo Harari, foi um péssimo negócio. O que parecia promissor se tornou um problema, pois aumentou a população, que exigiu mais alimento; tendo mais alimento a população aumentou mais ainda... As soluções nunca são simples e acarretam em problemas maiores e, muitas vezes, problemas inimagináveis. Veja a questão ambiental que enfrentamos hoje.”

VIVER A INFELICIDADE

“É preciso considerar que o homem não se torna mais feliz por causa de suas enormes conquistas no campo da tecnologia ou ciências. Ninguém está mais feliz porque a paralisia infantil foi erradicada. Somos vorazes, sempre queremos mais. Por outro lado, a tecnologia que deveria nos proteger dos acidentes naturais causa acidentes. Além do mais, é mais fácil experimentar a infelicidade. A infelicidade vem do nosso próprio corpo condenado a decadência e à dissolução – viver, adoecer e envelhecer significa experimentar angústia, medo e sofrimento. Vem do mundo externo que pode se voltar contra nós. Quem garante a nossa segurança? E vem dos relacionamentos com outros homens, que podem trazer muita dor. Isso posto, cada um de nós deve investigar os impedimentos próprios à felicidade. É aconselhável ter a morte como horizonte sempre. A vida pode se tornar mais agradável e mais verdadeira nessa perspectiva.”

MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

O que é: série de encontros promovidos pela SBP-SP, com Monja Coen e as psicanalistas Luciana Saddi e Marina Kon Bilenky dialogando sobre religião.

Loja: Fradique

Quando: dia 21 de março, a partir das 19h30

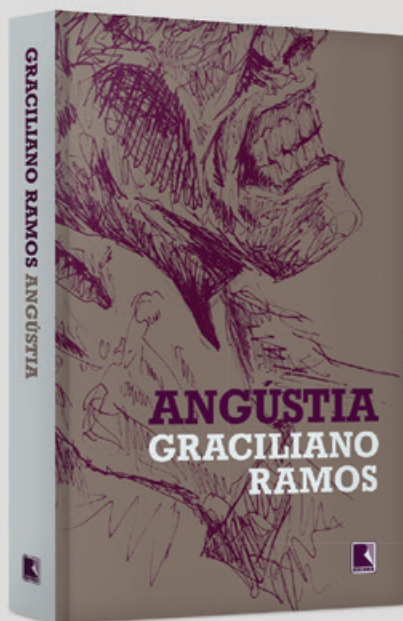


Os segredos das pessoas bem-sucedidas que vão ajudar você a enriquecer (antes das 8 horas)

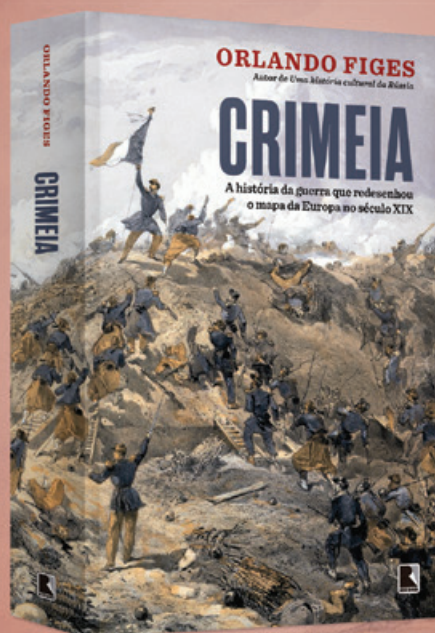
Conheça o mais novo livro da série best-seller

BS
BestSeller

Nova edição de um dos mais importantes romances brasileiros



A HISTÓRIA DA GUERRA que redesenhou o mapa da Europa no século XIX



Vida que pulsa

Especialista em reprodução assistida lança livros sobre *Gravidez depois dos 40* e *Novas famílias*

Ao prestar o vestibular, a nota mais alta que teve foi em redação. Não por acaso, a médica Silvana Chedid, especialista em reprodução assistida, sempre manteve o gosto e o hábito de escrever, assim como o fascínio por livros. Autora de *Infertilidade* (Contexto) e *A mágica dos gêmeos e trigêmeos* (Europa Press), Silvana lançou recentemente, pela Casa do Novo Autor, outros dois títulos que, segundo diz, estão em plena sintonia com as demandas e expectativas mais atuais de seus/suas pacientes.

Em *Gravidez depois dos 40*, aborda a experiência contida no título do livro com informações, análise e dicas para uma vivência que tem se dado mais frequentemente na faixa etária a que ela se refere. *Novas famílias*, o outro título, aborda a reprodução humana nos novos núcleos e modelos familiares como os das mulheres solteiras, dos casais homoafetivos e sorodiscordantes, em que um dos cônjuges é soropositivo, ou seja, portador do vírus da aids.

“As mudanças profundas no padrão familiar que estamos assistindo têm raízes nas transformações comportamentais que ganharam velocidade na segunda metade do século 20. A partir da década de 1970, gays e lésbicas saem da invisibilidade, organizam-se para combater a discriminação social à qual se veem submetidos e começam a conquistar importantes direitos civis. Em muitos países, passam a ter suas uniões aceitas



A médica Silvana Chedid

legalmente; em outros, adquirem o direito de adotar filhos. Depois de consolidar seu novo papel social – na linha de frente do mercado de trabalho –, as mulheres, sobretudo a partir dos anos de 1990, invertem suas prioridades, postergando o casamento e a maternidade para depois das conquistas profissionais”, escreve Silvana. Mãe de Enzo, 16, e Nina, 13, a médica concedeu a seguinte entrevista à *Vila Cultural*:

Vila Cultural. De onde vem o seu interesse por reprodução humana e como decidiu se especializar nessa área?

Silvana Chedid. Durante a faculdade de Medicina, optei por fazer residência médica em Ginecologia

e Obstetrícia por ser uma especialidade com possibilidade de atuação nas áreas clínicas e cirúrgicas, e por me permitir tratar de mulheres de todas as idades, e com as mais diversas patologias. Tratar da mulher, em todas as fases da sua vida, é extremamente gratificante, e o ginecologista acaba se tornando o clínico geral e médico de família da mulher. Optei por me especializar em medicina reprodutiva na década de 1990, quando fui fazer pós-graduação no Centro de Medicina Reprodutiva da Universidade Livre de Bruxelas, na Bélgica. Me encantei com a possibilidade de ajudar casais inférteis a constituírem suas famílias e com a fascinante experiência de estudar gametas (óvulos

e espermatozoides) e embriões no laboratório.

VC. Por que, na sua opinião, muitos casais e muitas mulheres têm optado por engravidar cada vez mais tarde – depois dos 40, por exemplo –, como no título do livro?

SC. Os casais de um modo geral têm se casado mais tardiamente. As mulheres desejam se firmar profissionalmente e construir suas carreiras antes de ter filhos. Isso acaba fazendo com que a maternidade seja postergada e frequentemente adiada para depois dos 40 anos.

VC. Qual é, em 2019, o significado de ser mãe e por que a senhora diz só ter entendido isso plenamente ao engravidar?

SC. A experiência da maternidade é extremamente gratificante e, por mais que eu tenha tratado de pacientes grávidas a minha vida inteira, só entendi o amor incondicional que uma mãe tem por um filho quando eu tive os meus. É um amor maior do que qualquer outro, em que você abre mão de tudo em prol da felicidade e do bem-estar do seu filho. É uma experiência maravilhosa e que me faz muito feliz poder proporcionar aos casais de quem eu trato.

VC. A senhora consegue definir o que é “instinto materno”?

SC. O instinto materno é o resultado da ligação extremamente forte entre a mãe e o filho, resultado desse amor incondicional de que falamos. Esse instinto faz com que a mãe, imbuída de amor e ligada intimamente ao filho, permita conhecê-lo profundamente e perceber particularidades, nuances e detalhes que ninguém mais consegue perceber. O instinto materno é aquela força que luta para o bem-estar da sua “cria” e que percebe, de longe, o que lhe faz bem e o que pode lhe fazer mal.

VC. O que diria para uma mulher, uma paciente que, apesar de

A maternidade não exclui as demais conquistas femininas e vice-versa.

desejar muito, ainda tem muitas dúvidas sobre ser mãe?

SC. Hoje temos a possibilidade de fazer congelamento dos óvulos, e essa técnica permite que a mulher seja mãe no momento que for mais adequado. Caso ela acabe optando por não ser mãe, ela pode simplesmente descartar ou doar os óvulos que foram congelados, e não é obrigada a usá-los com o intuito de obtenção de gravidez. Funciona como uma poupança que só vai ser usada se a mulher assim o desejar, e no momento que ela julgar mais adequado.

VC. Numa época de tantas conquistas femininas e tantas discussões sobre empoderamento e feminismo, qual é o lugar da maternidade na vida de uma mulher?

SC. A maternidade não exclui as demais conquistas femininas e vice-versa. Hoje, entendemos que as conquistas profissionais e pessoais da mulher podem e devem caminhar paralelamente com a maternidade, seja ela dentro do núcleo convencional da família heterossexual, no âmbito das uniões homoafetivas ou mesmo a maternidade escolhida pela mulher solteira, que cria seus filhos sem a presença de um(a) parceiro(a).

VC. Qual é, na sua opinião, o maior desafio dos novos núcleos familiares na sociedade brasileira?

SC. No livro *Novas famílias*, discuto justamente essas novas configurações familiares. Além das conquistas na área médica e científica que propiciam a concretização desses sonhos, são necessárias também conquistas do ponto de vista legislativo e social. A legalização da união homoafetiva, por exemplo, foi um grande passo para facilitar a vida desses casais, mas ainda há muito que deve ser feito do ponto de vista social

para diminuir o preconceito contra essas famílias. O objetivo do meu livro é justamente ajudar a diminuir esse preconceito, fornecendo informação médica confiável e numa linguagem fácil e acessível, além de estimular a discussão do tema, tão atual.

VC. O que é diferente e o que pode ser exatamente igual na experiência de ter filhos se falamos de casais “heteroafetivos” e “homoafetivos”?

SC. A experiência do amor incondicional e da realização pessoal e familiar é exatamente a mesma, independentemente da orientação sexual dos casais. O que é diferente é a forma como esses casais vão concretizar essa experiência do ponto de vista médico. Casais heterossexuais, a menos que tenham um problema de infertilidade, podem engravidar naturalmente, sem ajuda médica. Casais homossexuais, por outro lado, têm que recorrer às técnicas de reprodução assistida para realizarem seu sonho.

VC. Como faz para conciliar, na prática, os papéis de cientista-médica-mãe-etc?

SC. Não é fácil. A jornada diária não é dupla. É tripla ou quádrupla, mas quando você ama o que faz tudo fica possível. O segredo é amar o que você faz. Aí tudo é possível. 



O Dia do Livreiro

O trabalho dos profissionais cuja rotina se dá entre livros, ideias e socialização é homenageado em 14 de março

“**C**hegou um livro que é a sua cara”, diz eventualmente Suian Barros a algum cliente, tamanha a familiaridade que tem com os frequentadores da loja da Lorena. É onde Suian vive, em versão contemporânea, o dia a dia de uma livreira ao cultivar a ideia de compartilhar, aprender e ensinar em via dupla ao vender livros. “Já fui a aniversário de clientes, dos filhos de clientes e até do cachorro de um cliente. Aliás, conheço todos os cachorros que frequentam a livraria. Certa vez, um senhor ficou muito chateado por conta de um erro em sua encomenda, resolvi o problema e ele me chamou para um café. O café evolui para jantar, convite para festa de aniversário e festa de Natal, e nos tornamos grandes amigos, coisas que só a Livraria da Vila possibilita”, diz Suian, citando outra história que diz muito sobre o Dia do Livreiro, que é celebrado em 14 de março.

Com mais de uma década trabalhando com livros, Pablo Augusto da Silva, 34 anos, chegou à equipe da Livraria da Vila no ano passado para trabalhar na loja de Moema. Seu gosto pela leitura é tamanho que ele decidiu estudar história, ainda que já tenha se formado em mecatrônica. Pablo admite que não conseguiu ser feliz com a hipótese e a experiência de passar o dia no escritório. Da paixão pelos livros e pela rotina de socialização na livraria, Pablo não abre mão. “Primeiro que a questão do conteúdo, sempre muito citada,



Suian na loja da Lorena

me parece ser apenas uma faceta do nosso trabalho. O principal, na minha experiência, tem sido o contato com os clientes, sobretudo pelo fato de não ser uma loja tão grande, o que estimula essa aproximação”, diz o livreiro, afirmando que, como experiência de vida, é justamente essa interação no cotidiano que lhe interessa. “Às vezes você precisa ler o cliente e entender que ele busca mais do que um título, um livro. Ele quer ideias”, declara. “Na minha percepção, é um trabalho



Pablo, da loja de Moema

em que você ensina tanto quanto aprende e vice-versa. Isso é o mais interessante”.

“Costumo brincar que trabalho para ‘o sistema’ com um produto que pode derrubar ‘o sistema’, por causa do poder de transformação dos livros. A educação, assim como a saúde e o trabalho, é essencial e transformadora. Nesse sentido, não há como desvincular o poder de mudança que os livros têm”, diz o livreiro Alan Alberto Afonso, 30 anos, da Vila do Shopping JK Iguatemi. “Sempre

É um trabalho em que você ensina tanto quanto aprende e vice-versa. Isso é o mais interessante.

Pablo Augusto da Silva

quis trabalhar com livros”, ele afirma, atribuindo a escolha à possibilidade de unir o útil ao agradável, já que por influência dos pais tem sido um leitor voraz ao longo da vida. No contato com os clientes, Alan preza as muitas perspectivas que se abrem nessa relação. “Quem sabe um livro que mudou a minha vida não pode também mudar a vida dele”, ele diz, relacionando rapidamente três livros que acaba de ler. E, melhor ainda, recomenda. Anote aí: *O peso do pássaro morto* (Nós), de Aline Bei (*leia entrevista com a escritora nesta edição*), *Sociedade do cansaço* (Vozes), de Byung-Chul Han, e *Cloro* (Companhia das Letras), de Alexandre Vidal Porto.

Prestes a completar seu primeiro ano como livreira na loja da Fradique, Thais Peçanha Cafazzi, 30 anos, formou-se em psicologia e diz que encontrou o seu destino profissional depois de um *insight*



Alan, da loja do JK Iguatemi

no qual entendeu que a sua paixão por livros e leitura poderia se transformar em trabalho. “Me sinto vendendo mundos, visões, enredos, opiniões, reflexões, valores”, diz Thais, que cita *Os sete* (Aleph), de André Vianco, como



Thais na loja da Fradique

um livro marcante. Assumidamente fã de vampiros, cuja imagem traz tatuada no corpo, Thais está lendo atualmente *Noturno – Trilogia da escuridão* (Rocco), de Guillermo Del Toro e Chuck Hogan. E diz que é ótimo. 

O novo livro do autor de A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS



Uma história arrebatadora sobre o amor e o perdão em tempos de caos.

A voz do Brasil

A obra de Elis Regina, que faria 74 anos em março, mantém a potência e o vigor da grande cantora do país

A exibição da minissérie *Elis – Viver é melhor que sonhar*, na Globo, no começo deste ano, ainda ecoa como iniciativa louvável para celebrar uma vez mais a memória, o talento e as saudades de Elis Regina, uma das grandes artistas brasileiras do século 20 – e de todos os tempos. De personalidade intensa, a cantora sempre pensou e se comportou como se estivesse à frente de sua época. Jovem ainda, Elis já sonhava, por exemplo, com uma sociedade matriarcal só pela hipótese de uma experiência que, na visão dela, seria mais justa, agradável e afetuosa para homens e mulheres, como citou, às vezes em tom de brincadeira, em mais de uma entrevista.

Comprometida prioritariamente com a liberdade para viver e realizar, e empreender artisticamente, Elis foi, do jeito dela, feminista nas ações e na demonstração de que ética, respeito e conduta pessoal e profissional, independentemente dos conflitos que cada um precisa viver, tem menos a ver com gênero e mais com o livre arbítrio das escolhas que fazemos na vida. Se não tivesse morrido precocemente, aos 36 anos, em janeiro de 1982, quando o Brasil ficou chocado com a sua partida, Elis completaria 74 anos no dia 17 de março. Provavelmente, porque sonhar ainda é preciso, manteria a voz afinadíssima e o potente lugar de fala que sempre fez reverberar ideias brilhantes.

No livro com as entrevistas feitas por Clarice Lispector que a Rocco publicou em 2007 há uma conversa memorável da escritora com a cantora, ainda na primeira fase de sua carreira gloriosa. Clarice dirige-se a Elis com o seguinte comentário-pergunta: “Você tem um tipo extrovertido. É o natural em você ou você se faz assim a si mesma para não se deprimir, ou seja, fala tudo para não ficar muda?” A resposta de Elis: “Sou um ser do tipo sanguíneo que oscila muito. Tenho momentos de extrema alegria e momentos de profunda depressão. Não obedeco a uma agenda: hoje vou sentir isso, amanhã vou sentir aquilo. Reajo aos acontecimentos à medida que o ambiente reage sobre mim. Mas como sou hipersensível, as coisas têm às vezes um valor que a maioria das pessoas acha ridículo. Mas eu sou assim mesmo. Por exemplo, às vezes fico furiosa com uma pessoa cujo problema talvez você contornasse com um simples puxão de orelha. Ao mesmo tempo, tomei agora consciência de que essa não é uma atitude lógica e estou procurando me reestruturar.”

Quando Lispector pergunta o que ela faria da vida se não fosse cantora, Elis diz sinceramente não saber. E mostra a que veio depois da insistência de Clarice para que ela pense um pouco. “É que o palco está tão ligado à minha maneira de ser, à minha evolução, aos meus traumas, que eu acho que me separar de um palco é a mesma coisa que castrar um garanhão:

ele deixa de ter razão de existir.”

Faz todo o sentido. Em duas décadas de carreira, foram mais de 30 discos, nos quais ela somou incontáveis momentos no palco e sucessos que permanecem atuais e intemporais, cantados por muitas gerações. De *Arrastão* (Edu Lobo e Vinicius de Moraes) a *Canção da América* (Milton Nascimento e Fernando Brant), ou *Como nossos pais* (Belchior) e *Atrás da porta* (Francis Hime e Chico Buarque), ou ainda *Romaria* (Renato Teixeira), *O Bêbado e a Equilibrista* (João Bosco e Aldir Blanc), que se transformou em hino da abertura política, e *Águas de março* (Tom Jobim), só para citar os que todo mundo sabe cantar, Elis deixou diversas versões musicais definitivas.

Da ascensão fabulosa ao sucesso até chegar ao amadurecimento musical, Elis viveu os horrores políticos de seu tempo, com o terror imposto pelos militares, sem deixar de experimentar a felicidade na vida pessoal, sobretudo na parceria amorosa e artística com o pianista César Camargo Mariano, com quem fez o show histórico *Falso brilhante*, que rendeu um disco homônimo lançado em 1976. O disco, que é maravilhoso, tem o repertório baseado no espetáculo que ficou em cartaz no Teatro Bandeirantes, em São Paulo, de dezembro de 1975 a fevereiro de 1977, somando 257 apresentações e público de 280 mil pessoas. Porque Elis nasceu para permanecer sempre no palco dos grandes artistas. 



Lançamentos



8/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Mulheres iguais na diferença
De Viviane Telles de Magalhães Araújo
Ed. Lumen Juris

9/3, SÁBADO, das 15h às 18h
Bordaduras
De Leila Alberti
Independente



13/3, QUARTA, das 18h30 às 21h30
A mídia descontrolada – Episódios da luta contra o pensamento único
De Laurindo Leal Filho
Ed. Centro Barão de Itararé

14/3, QUINTA, das 19h às 21h30
Gestão fácil
De Oséias Gomes
Ed. Gente

15/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Quem sou eu como líder
De Diana Ponce e
Andréia Roma (coords.)
Ed. Leader

16/3, SÁBADO, das 16h às 19h
Déspota, tirano e arbitrário – O Governo de Lobo de Saldanha na Capitania de São Paulo (1775-1782)
De Lorena Leite
Paco Editorial

17/3, DOMINGO, das 16h às 18h
A amizade em O Senhor dos Anéis
De Cristina Casagrande
Ed. Martin Claret

18/3, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Revolução Laura
De Manuela D'Ávila
Ed. Belas Letras
Haverá bate-papo com escritora e professora Cris Lisboa.

20/3, QUARTA, das 18h30 às 21h30
O léxico no discurso literário – A criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea
De Elis de Almeida Cardoso
Ed. Edusp

21/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Assim falaram Nietzsche e Jung
De Dulcinéa da Mata R. Monteiro (Org.)
Juruá Editora

29/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Anatomia da ilusão – A dramaturgia corporal
Corpo quântico – Anatomia da expressão
De Maria Pia
Madras Editora

30/3, SÁBADO, das 15h às 18h
O língua
De Eromar Bonfim
Ateliê Editorial



8/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Sexualidade e câncer de mama
De Marcos Desidério Ricci e
Aline Ambrósio
Ed. Manole

11/3, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Tamo junto
De Andréa Fernanda Moraes
Buzz Editora

20/3, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Inteligência emocional para mães e pais
De Rodrigo Fonseca
Ed. SBie

22/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
30 anos de crise – 1988-2018
De Almir Pazzianotto Pinto
Ed. Anjo

28/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Estudos de Direito do agronegócio – Vol. IV
De Frederico Favacho e Tatiana Bonatti Peres (Orgs.)
Ed. Chiado Books



11/3, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Juntas – O poder da liderança compartilhada nos negócios
De Caroline Cintra e Gabriela Guerra
Ed. Belas Letras

13/3, QUARTA, das 18h às 21h30
Cartas a um jovem advogado
De Francisco Müssnich
Ed. Sextante

14/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Recursos repetitivos e incidentes de resolução de demandas repetitivas
De Maria Cecília de Araujo Asperti
Ed. Lumen Juris

14/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Tributação da renda nos planos de opção de compra de ações
De Giacomio Paro
Ed. Lumen Juris

15/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Corrupção política – Análise, problematização e proposta para o seu enfrentamento
De Igor Sant'Anna Tamasauskas
Ed. Revista dos Tribunais

15/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Crimes de omissão imprópria
De Pierpaolo Cruz Bottini
Ed. Oficina das Letras

16/3, SÁBADO, das 16h às 19h
A valoração das provas testemunhal e documental no processo do trabalho
De Gabriel Henrique Santoro
Lura Editorial

16/3, SÁBADO, das 14h às 19h
Pessoas vendem para pessoas
De Tatiana Botta
Ed. Realejo

18/3, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
A participação do administrado no processo de elaboração dos contratos de PPP
De Mais Moreno
Ed. Fórum

21/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Cuidados Paliativos – Diretrizes para melhores práticas
De Ana Lucia Coradazzi,
Marcella Tardeli E. A. Santana e
Ricardo Caponero (Orgs.)
MG Editores

Cursos e Workshops

21/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30

Direitos humanos no trabalho na perspectiva da mulher

De Adriane Reis Araújo (Org.)

Ed. RTM

25/3, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30

Vida a duas – O livro do nosso amor

De Laís de Castro

Independente

28/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30

Crimes contra a ordem tributária

De Gisele Barra Bossa e Marcelo Almeida Ruivo (Coords.)

Ed. Almedina



16/3, SÁBADO, das 16h às 19h

O bebê vegetariano

De Aline Vieira

Lura Editorial

23/3, SÁBADO, das 16h às 19h

Histórias de milagres – Sem fé é impossível agradar a Deus

De Olga Simoceli

Ed. SMA2



16/3, SÁBADO, das 16h às 19h

Rupturas – Olhares criativos e novos tecidos conceituais

De Cleusa K. Sakamoto e

Regina Célia F. A. Giora (Ogs.)

Gênio Criador Editora

21/3, QUINTA, das 18h30 às 21h30

Psicopatas em conflito com a lei

De Simone Savazzoni

Ed. Juruá

Educacuca

O objetivo primordial do Educacuca é promover o desenvolvimento, a aprendizagem e a socialização das crianças em seus primeiros anos de vida, além de instrumentalizar o adulto cuidador, orientando-o e enriquecendo seu repertório de brincadeiras. Para agendamento de aula experimental e informações sobre horários para cada grupo, consulte o site www.educacuca.com.br

Idade Permitida: 3 a 30 meses

Terças e quintas – **Loja:** Lorena

Dias 7, 14, 21 e 28/3, QUINTAS, das 14h às 17h

Mulheres discorrem...

Com Diana Beatriz Oliveira

Contadora de histórias desde 2001, Diana Beatriz Oliveira estudou grego e mitologia grega na Faculdade de Letras e Filosofia da USP e técnicas de narração e uso da voz em diversos cursos no Brasil. Neste curso, ela nos põe em contato com o livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, que através da interpretação de 19 lendas e histórias antigas procura identificar o arquétipo da Mulher Selvagem e a essência da alma feminina. Os encontros abrem espaço para a apresentação das questões abordadas nessas narrativas e promovem um ambiente de trocas sobre a compreensão da trajetória pessoal de cada um e a habilidade de encontrar suas próprias respostas. A contadora narrará uma história a cada encontro, que servirá de cenário inicial para falar dos símbolos e das relações que emergem para a discussão de um tema referente à leitura. Cada encontro terá um tema independente. Não é necessário ter lido a obra.

4 Encontros

R\$ 130 por encontro

Inscrições: www.sympla.com.br/mulheres-discorrem

Loja: Fradique

Dias 13, 20, e 27/3, 3, 10 e 17/4, QUARTAS, das 20h às 21h30

Crime e Consequência

Um novo curso de seis aulas baseado na ética talmúdica sobre o sistema de justiça criminal. A política da justiça criminal afeta a segurança e a tranquilidade de todos os cidadãos, e tem amplas



implicações para as vítimas de crime, os acusados, os condenados e suas famílias. No decorrer das seis aulas, *Crime e Consequência* se engaja nessa forma de análise, movendo-se entre doutrinas legais judaicas e judiciária do Estado, abordando preocupações éticas e compartilhando múltiplas perspectivas sobre reforma da justiça criminal. O curso será ministrado presencialmente em inglês.

Valor: R\$ 259 para os 6 encontros

Inscrições: <http://www.myjli.com> e (11) 98315-8770

Loja: Lorena

Dias 23 e 24/3, SÁBADOS e DOMINGOS, das 11h às 14h

Documentário para Cinema e TV

Um curso desenhado para quem quer conhecer os principais momentos da história do documentário, as grandes escolas, como a inglesa e a russa, os principais documentaristas do Brasil e do mundo e análise de trechos dos grandes filmes já feitos. Ao final, dicas práticas para quem quer aprender a analisar bons documentários e atuar neste mercado, com as oportunidades do mercado brasileiro, produtoras, editais de fomento etc.

Valor: R\$ 250 para os 2 encontros

Informações e inscrições:

www.ethoscomunicacaoearte.com.br e contato@ethoscomunicacaoearte.com.br

Loja: Lorena

Clube de Leitura

2/3, SÁBADO, das 16h às 18h

Debate Cinema e Literatura:

Orientação dos gatos, conto do livro Orientação dos gatos, de Júlio Cortázar, e Paterson, filme de Jim Jarmusch

Mais informações:

www.confrariadaslargetaxas.com.br

Loja: Moema

Evento gratuito

15/3, SEXTA, das 18h30 às 21h30

Leituras Compartilhadas:

Sombras de reis barbudos

O encontro não é uma palestra ou mesa em que apenas os mediadores têm a palavra, e sim uma roda de conversa em que todos são convidados a falar e participar.

Loja: Lorena

Evento gratuito

Palestras

13/3, QUARTA, das 15h às 17h

#MãesNaLivreria: Empreendedorismo feminino e maternidade

Com Rita Lisauskas e Vivian Abukater
Roda de conversa com mães e pais, os encontros visam sempre temas do universo materno.

Rita Lisaukas é jornalista, autora do livro *Mãe sem manual* e mãe de um menino, e Vivian Abukater, administradora, sócia da Maternativa, primeira *startup* de impacto social com foco na relação das mães e o mercado de trabalho, é mãe de dois meninos.

Apoio: Editora Timo

Loja: Fradique

Evento gratuito

16/3, SÁBADO, das 11h às 13h30

Diálogos do Lacaneando: Psicanálise e políticas públicas

Com Maria Virginia Cremasco, Adriane Wollmann e Michele Borges

As psicanalistas vão debater a importância das políticas públicas no âmbito da saúde mental, da assistência social, na prevenção e tratamento de dependentes químicos e estratégias de redução de danos. Quais são as perspectivas atuais para políticas públicas e o papel da psicanálise no debate dessas questões? A mediação é da jornalista e psicanalista Patrizia Corsetto.

Loja: Pátio Batel

Evento gratuito

19/3, TERÇA, das 20h às 21h30

Oriente Ocidente – Sabedoria única

Com Pere Sánchez Ferré

Neste encontro, o professor Pere fará uma palestra sobre a única sabedoria vinda do Oriente até o Ocidente e a leitura do livro *A mensagem reencontrada*, de Louis Cattiaux, com os comentários desta tradição oral que acompanha a escrita. O livro se dirige, sobretudo, à “intuição e à memória profunda” e possui uma luz que pode despertar a chama que está oculta em cada um de nós. Pere Sánchez Ferré é doutor e professor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Barcelona. Sua tese de doutorado obteve Prêmio Internacional pelo Centro da História da Maçonaria.

Apoio: Editora Madras

Loja: Fradique

Evento gratuito

20/3, QUARTA, das 19h30 às 21h30

5 Rainhas na Vila: Violência doméstica

Com Jony Wolff e a modelo Je Aronis
Mulheres contam histórias reais em que viveram algum tipo de violência, doméstica ou sexual.

O encontro começa com uma breve palestra de Jony Wolf sobre violência doméstica e em seguida a convidada, a modelo Jéssica Aronis, contará como foi a experiência de sofrer violência doméstica.

Loja: Fradique

Evento gratuito

21/3, QUINTA, das 19h30 às 21h30

Encontro Mal-estar na Civilização: Religião

Com Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Folha de S. Paulo e intermediação de Luciana Saddi, Marina Kon Bilenky e a Monja Coen. Os encontros sobre o mal-estar na civilização dão prosseguimento à tradição freudiana de intersecção entre cultura e psicanálise, que encontra na diretoria de cultura e comunidade da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Livreria da Vila a organização e o oferecimento de atividades que contribuam para a promoção do diálogo entre diversos aspectos do saber e psicanálise.

Inscrições: <http://sbpsp.org.br>

Loja: Fradique

Evento gratuito

28/3, QUINTA, das 19h30 às 21h30

Diálogo Masculino na Vila: Homem pró-feminino – Como o machismo prejudica os homens

Com Fábio Veronesi e Prem Agni
Nestes encontros mensais, os convidados vão dialogar sobre os diversos temas que envolvem a masculinidade, sempre com um livro como base da temática e de forma participativa com o público. Neste primeiro encontro com o convidado Fabio Veronesi, autor do livro *Homem pró-feminino – Como o machismo prejudica o homem*, vamos abordar os motivos que levam os homens a combaterem o machismo não só pelo apoio às mulheres e ao feminino, mas também por refletirem e perceberem o quanto prejudicial é aos homens e ao próprio masculino.

Loja: Lorena

Evento gratuito

30/3, SÁBADO, das 10h às 13h

Diálogos do Lacaneando: Corpo, sexualidade e tecnologia

Com Carla Françaia, Tom Rodrigues e Bryan Axt

A psicanalista Carla Françaia, o psicólogo Tom Rodrigues e o filósofo Bryan Axt vão debater as ideias de importantes teóricos contemporâneos como Judith Butler e Beatriz Preciado, a estética feminista e produção de subjetividade. A mediação é da jornalista e psicanalista Patrizia Corsetto.

Loja: Lorena

Evento gratuito

Teatro Infantil



Dias 2/3 a 28/4, SÁBADOS e DOMINGOS, das 16h às 17h

As invenções do pequeno Leonardo Da Vinci

Através de uma história divertida e de muitas descobertas, Leonardo da Vinci conhece em sonho um amigo que veio do futuro e lhe apresenta várias tecnologias. Com muito humor, eles conversam e cada um mostra as obras e invenções de sua época. Uma peça lúdica que aborda algumas invenções do gênio do Renascimento e traz questões importantes sobre sonhos e incentivos.

Local: Teatro Livreria da Vila do Pátio Batel (*Curitiba*)

Valor: R\$ 40 inteira | R\$ 20 meia-entrada
Meia-Entrada: Crianças acima de 2 anos, deficientes físicos, estudantes, idosos, aposentados e professores da rede pública.

A trilogia autobiográfica de **José Mauro de Vasconcelos** em nova edição



O Meu Pé de
Laranja Lima



Vamos
Aquecer o Sol



Doidão

COM
SUPLEMENTO
DE LEITURA E
NOTAS EXPLICATIVAS
ESCRITOS POR
LUIZ ANTONIO
AGUIAR.

Lançamentos



O Fabuloso Livro de
Joshua Perle

TRADUZIDO PARA
MAIS DE 22 IDIOMAS

PRÊMIO JUVENTUDE DAS
BIBLIOTECAS DO CANADÁ

PRÊMIO DO PEN CLUBE
DA INGLATERRA

UM
ROMANCE
DE TIMOTHÉE
DE FOMBELLE, O
MESMO AUTOR
DA ELETRIZANTE
AVENTURA DE
VANGO!



A Fantasmagórica
Noite de Hugo



Querido Senhor
Presidente



Curta a Editora Melhoramentos



/editoramelhoramentos



@editoramelhoramentos



www.editoramelhoramentos.com.br

M
MELHORAMENTOS

FRADIQUE

16/3, SÁBADO, das 16h às 19h
A menina que morava no chuveiro
 De Antonio Prata
 Ubu Editora

23/3, SÁBADO, das 16h às 17h
Contação e Histórias e Oficina de Arte
 Com Grupo Ópera Cômica
 Ed. Moderna

24/3, DOMINGO, das 16h às 19h
Balila, a minhoca bípede
 De Edson Natale
 Independente
 Haverá atividade infantil.

30/3, SÁBADO, das 16h às 19h
Nina tem medo de palhaço
 De Walter de Souza
 Kapulana Editora

31/3, DOMINGO, das 16h às 18h
Contação de Histórias
A gigante caixinha de medos
 Com Daniela Grinberg
 Ed. Cortez
 Haverá palestra com a autora sobre o tema do livro.

LORENA

9/3, SÁBADO, das 16h às 18h
Discovery day
 Com Patricia Nishimoto
 Apoio: Pingu's English School

16/3, SÁBADO, das 15h às 17h
Oficina
Eu sou uma garota rebelde
 Com Juliana Moore
 Ed. Vergara & Riba

23/3, SÁBADO, das 15h às 18h
O leão humilde
 De Pereira Lima
 Ed. Escrita Fina
 Haverá contação de histórias com a pedagoga e diretora da escola Wings to Fly, Kirsti Soisalo.

30/3, SÁBADO, das 15h às 18h
Refugiados
 De Gilberto Rodrigues
 Ed. Moderna

PAMPLONA

2/3, SÁBADO, das 16h às 17h
Atividade Infantil
Máscaras de carnaval
 Com Planeta Veja
 Apoio: Vergara & Riba

16/3, SÁBADO, das 16h às 19h
O tesouro das férias
 De Josiane Mayr Bibas e Rosângela Grafetti
 Independente

23/3, SÁBADO, das 16h às 18h
Discovery Day
 Com Patricia Nishimoto
 Apoio: Pingu's English School

* Programação sujeita a alteração.



a revista dos livros está na livraria da vila

Em março na Quatro Cinco Um

As pinturas narrativas de Charlotte Salomon, assassinada aos 26 anos.
 Ayelet Gundar-Goshen e a presença de Amós Oz.
 Alberto Martins lê José Miguel Wisnik depois de Brumadinho.
 Régis Bonvicino e o suicídio

R\$ 19

Quatro cinco um
 arevistadoslivros.com.br

Curso de DOCUMENTÁRIO PARA CINEMA E TV

Dias 23 e 24 de março**Sábado, das 10h às 13h, e domingo, das 11h às 14h****Curso com Certificado**Professores premiados no mercado de trabalho
Reserve sua vaga!Conheça o conteúdo e se inscreva pelo QRCode ou pelo site
www.ethoscomunicacaoearte.com.br

Navegar é Preciso

*Uma viagem literária pela Amazônia***De 29.4 a 3.5.2019***Presenças confirmadas:***Martha
Medeiros****João Anzanello
Carrascoza****Carola
Saavedra****Maria
Ribeiro****Pedro
Bandeira****Mônica
Salmasso**
(Música)

Realização:

**Garanta a sua cabine.
Vagas limitadas!**

Correalização e vendas:

LI E GOSTEI

Julia Gomes
Marketing



Vazio

Anna Llenas

Nesse livro, a autora aborda o vazio de forma mais visual e clara, aproximando as crianças de um tema delicado e que muitas vezes passa despercebido aos adultos. A história abre espaço para refletir sobre os pequenos e grandes vazios que sentimos e como lidamos com eles. Ao longo da busca por algo que “preencha” o vazio da personagem Júlia temos duas páginas em branco que nos faz parar, respirar e refletir junto com a personagem sobre a necessidade de sempre preenchermos espaços. Leitura indicada para crianças, mas que me cativou muito como adulta.

Salamandra

LI E GOSTEI

Charles Antunes Leite
Lorena



Um Pedaco de Madeira e Aço

Chabouté

O personagem principal dessa história é um banco de madeira. Daí a beleza do traço em preto e branco e a ausência de palavras. O quadrinista Chabouté apresenta neste livro uma narrativa gráfica em que o leitor constrói o roteiro de acordo com a sua própria sensibilidade, observando o cotidiano em torno de um banco de praça: histórias, encontros e conflitos perante a incommensurável passagem do tempo, a utilidade das coisas, o início, o fim e até um recomeço.

Editora Pipoca e Nanquim



Ficção

1º **A amiga genial** | Elena Ferrante (Biblioteca Azul)

2º **As filhas do capitão** | Maria Dueñas (Planeta)

3º **O desaparecimento de Stephanie Mailer** |

Joel Dickër (Intrínseca)

4º **A uruguaia** | Pedro Mairal (Todavia)

5º **A transparência do tempo** | Leonardo Padura (Boitempo)



Não Ficção

1º **Minha história** | Michelle Obama (Objetiva)

2º **Aprendizados** | Gisele Bündchen (BestSeller)

3º **21 lições para o século 21** |

Yuval Noah Harari (Companhia das Letras)

4º **Sapiens – Uma breve história da humanidade** |

Yuval Noah Harari (L&PM)

5º **Mulheres que correm com os lobos** |

Clarissa Pinkola Estés (Rocco)



Autoajuda

1º **A sutil arte de ligar o f*da-se** | Mark Manson (Intrínseca)

2º **O milagre da manhã** | Hal Elrod (BestSeller)

3º **Seja foda!** | Caio Carneiro (Buzz)

4º **A mágica da arrumação** | Marie Kondo (Sextante)

5º **Consciência quântica** | Amit Goswami (Aleph)



Negócios

1º **Me poupe!** | Nathalia Arcuri (Sextante)

2º **Estratégia da inovação radical** | Pedro Waengertner (Gente)

3º **Do mil ao milhão** | Thiago Nigro (HarperCollins Brasil)

4º **Os segredos da mente milionária** | T. Harv Eker (Sextante)

5º **O jeito Harvard de ser feliz** | Shawn Achor (Saraiva)



Infantil

1º **O carteiro chegou** | Allan Ahlberg (Companhia das Letrinhas)

2º **A carta do Gildo** | Silvana Rando (Brinque-Book)

3º **Diário de um Banana – Batalha neval** |

Jeff Kinney (Vergara & Riba)

4º **O segredo de Anton** | Ole Könnecke (WMF Martins Fontes)

5º **A casa na árvore com 13 andares** | Andy Griffiths (Fundamento)



Juvenil

1º **Gravity Falls: O diário perdido – Volume 3** |

Alex Hirsch (Universo dos Livros)

2º **O incrível mundo de Sophia Valverde** | Sophia Valverde (Agir)

3º **Extraordinário** | R.J. Palacio (Intrínseca)

4º **A invenção de Hugo Cabret** | Brian Selznick (SM Edições)

5º **Gravitty Falls: Lendas Perdidas – Vol. 4** | Alex Hirsch (Universo dos Livros)

UMA SELEÇÃO INSPiRADORA PARA CRIANÇAS

Lindas histórias de autores e ilustradores premiados que
vão encantar as crianças de um jeito delicado e único!



Todos São Bem-vindos

Autor:
Patrícia Hegarty



Lua

Autor:
Patrícia Hegarty



O Velho Gigante que Engoliu um Relógio

Autor:
Becky Davies



Ratinha da Cidade, Ratinho do Campo

Autor:
Libby Walden



Ciranda Cultural



www.cirandacultural.com.br



[editoracirandacultural](https://www.facebook.com/editoracirandacultural)



[editoracirandacultural](https://www.instagram.com/editoracirandacultural)



[Editora Ciranda Cultural](https://www.linkedin.com/company/editora-ciranda-cultural)

VILA CONVIDA



Planeta

Grandes leituras com descontos especiais:

30%



Promoção válida de 01/03 a 31/03/2019 ou enquanto durarem os estoques dos livros selecionados.



LIVRARIA DA VILA